



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria do Planejamento
e Gestão

INDICADORES ECONÔMICOS DO CEARÁ 2011

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)
INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

INDICADORES ECONÔMICOS DO CEARÁ 2011

Fortaleza-CE
2013

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Diretor Geral

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretoria de Estudos Sociais

Regis Façanha Dantas

Autores:

Witalo de Lima Paiva

Nicolino Trompieri Neto

Ana Cristina Lima Maia Souza

Alexsandre Lira Cavalcante

Klinger Aragão Magalhães

Débora Gaspar Feitosa

Paulo Araújo Pontes

Indicadores Econômicos do Ceará 2011

IPECE, 2012 - Fortaleza - CE

Autores: Witalo de Lima Paiva, Nicolino Trompieri Neto, Ana Cristina Lima Maia Souza, Alexsandre Lira Cavalcante, Klinger Aragão Magalhães, Débora Gaspar Feitosa, Paulo Araújo Pontes.

ISBN: 978-85-98664-24-8

1 - Ceará. 2 - Economia. 3 - Indicadores Econômicos. 4 -

Finanças públicas. 5 - Agricultura, indústria e serviços.

Tragem: 1.000 exemplares. 78 páginas.: grafs. tabs.

Copyright © 2013 - IPECE *Impresso no Brasil*

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)
End.: Centro Administrativo do Estado Governador Virgílio Távora
Av. General Afonso Albuquerque Lima, S/N – Edifício SEPLAN – 2º andar
60830-120 – Fortaleza-CE

Telefones: (85) 3101-3521 / 3101-3496

Fax: (85) 3101-3500

www.ipece.ce.gov.br - ouvidoria@ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) apresenta a segunda edição do Livro Indicadores Econômicos do Ceará. Esta nova publicação aborda o desempenho da economia cearense entre anos de 2007 a 2011, ampliando o leque de produtos e a disponibilidade de informações oferecidas à sociedade.

Como na edição anterior, o livro traz uma avaliação de indicadores selecionados para os grandes setores econômicos, Agricultura, Indústria e Serviços, além de análises sobre as contas regionais, o mercado de trabalho, o comércio exterior e as finanças públicas estaduais.

O Livro Indicadores Econômicos do Ceará 2011 permite uma avaliação de curto e médio prazo para economia cearense a partir dos indicadores. Análises detalhadas são realizadas para cada um dos setores e áreas abordadas, respeitando a seguinte ordem: Contas Regionais, Serviços, Indústria, Agronegócio, Comércio Exterior, Mercado de Trabalho, e Finanças Públicas. Por fim, têm-se as considerações finais.

Os dados utilizados são em sua maior parte originários de fontes oficiais, tais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Secretaria de Fazenda Estadual (SEFAZ/CE), dentre outras que serão apresentadas ao longo do texto.

Com mais esta obra, dedicada à sociedade cearense, o IPECE segue sua trajetória contribuindo para uma correta leitura da realidade estadual e para um melhor conhecimento dos avanços conquistados nos últimos anos e dos obstáculos que ainda desafiam o Ceará em sua trajetória de desenvolvimento. Boa leitura!

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto
Diretor Geral do IPECE

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO | 03 |
| 1. CONTAS REGIONAIS | 07 |
| 1.1 Produto Interno Bruto | 07 |
| 1.2 Estrutura Setorial da Economia | 12 |
| 2. SERVIÇOS | 14 |
| 2.1 Composição Setorial do Serviço | 14 |
| 2.2 Evolução das Vendas do Comércio Varejista Cearense | 16 |
| 2.3 Comércio Cearense no Contexto Nacional | 20 |
| 2.4 Análise Setorial do Comércio Varejista Cearense | 23 |
| 3. INDÚSTRIA | 26 |
| 3.1 Indústria Geral | 27 |
| 3.2 Indústria de Transformação | 29 |
| 3.2.1 Produção Física | 30 |
| 3.2.2 Vendas | 31 |
| 3.2.3 Comércio Exterior | 31 |
| 3.2.4 Emprego | 33 |
| 4. AGRONEGÓCIO | 36 |
| 4.1 Produção de Grãos | 37 |
| 4.1.2 Produção de Milho | 39 |
| 4.1.3 Produção de Feijão | 41 |
| 4.1.4 Produção de Arroz | 43 |

| | |
|--------------------------------------------------------------|-----------|
| 4.1.5 Demais Grãos | 44 |
| 4.2 Fruticultura | 44 |
| 4.3 Outras Culturas | 47 |
| 4.4 Pecuária | 47 |
| 5. COMÉRCIO EXTERIOR | 49 |
| 5.1 Produtos | 51 |
| 5.2 Países | 53 |
| 5.3 Setores de Contas Nacionais | 57 |
| 6. MERCADO DE TRABALHO | 58 |
| 6.1 Emprego Formal | 58 |
| 6.2 Emprego Formal com Carteira Assinada | 61 |
| 6.3 Dinâmica Setorial do Emprego com Carteira Assinada | 67 |
| 7. FINANÇAS PÚBLICAS | 69 |
| 7.1 Resultado Fiscal | 69 |
| 7.2 Receitas | 70 |
| 7.3 Despesas | 72 |
| 7.4 Dívidas | 75 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |

1. CONTAS REGIONAIS

1.1 Produto Interno Bruto

O período entre os anos de 2007 e 2011 foi marcado por crises econômicas, primeiramente, americana e depois européia. Diante disso, as principais economias mundiais apresentaram ritmo de crescimento mais lento. Esse fato afetou todos os demais países do mundo que viram as demandas externas diminuírem.

O Brasil, em um primeiro momento, conseguiu manter um crescimento mais elevado, voltando-se para o mercado interno, mas em seguida sentiu o impacto negativo causado pela crise econômica dos países da zona do euro. De forma a amenizar esse choque, o Governo Federal participou de forma direta, adotando políticas anticíclicas a fim de manter o maior dinamismo na economia brasileira. Dentre as principais medidas destacaram-se os incentivos via redução da Taxa Selic, e reduções e isenções nas alíquotas de impostos sobre produtos, como o IPI para algumas atividades econômicas (material de construção, eletroeletrônicos e veículos). As consequências positivas vieram por meio de um maior aquecimento do mercado interno, com contribuições na redução das desigualdades regionais e ampliação do emprego formal, o que proporcionou acesso de mais pessoas aos bens e serviços disponíveis no mercado.

As medidas adotadas pelo Governo Federal para o enfrentamento desta instabilidade econômica, somam-se as ações do Governo Estadual. Em conjunto, tais iniciativas suavizaram os efeitos da crise impedindo quedas acentuadas no crescimento das atividades econômicas. Dentre as ações estaduais, ressaltam-se os investimentos do governo, acompanhados pela iniciativa privada, em diversas frentes, como os parques eólicos, a siderúrgica, infraestrutura turística, hospitais regionais, além de reduções e isenções de alíquotas de ICMS para setores estratégicos e maior eficiência na arrecadação.

Mediante esse cenário, a economia brasileira medida pelo seu Produto Interno Bruto (PIB), entendendo que o PIB representa tudo o que foi produzido pelas atividades econômicas somando-se os impostos líquidos dos subsídios cresceu, em 2011 cresceu 2,7% com relação ao ano de

2010, e no acumulado de 2007 a 2011 o crescimento foi de 22,9%, a uma taxa média anual de 4,2%. Para o Ceará, os resultados foram mais favoráveis, tendo registrado em 2011 um crescimento de 4,3%, no acumulado de 2007 a 2011 a economia cearense cresceu de 26,2%, com uma taxa média anual de 4,8% (Tabela 1).

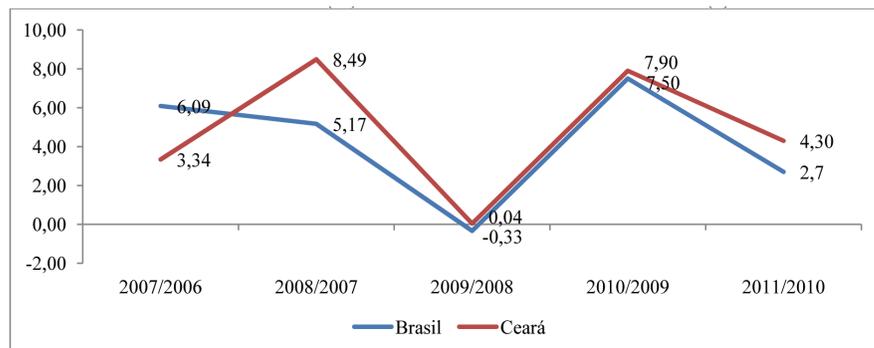
Tabela 1 - Indicadores macroeconômicos selecionados - Ceará – 2007/2011 (*)

| Indicadores Selecionados | Brasil | Ceará |
|-----------------------------------------------|-----------|--------|
| PIB a preços de mercado (R\$ milhão) - 2011 | 4.143.013 | 84.000 |
| Taxa de crescimento (%) anual 2011 | 2,7 | 4,3 |
| Taxa de crescimento (%) médio anual 2007/2011 | 4,24 | 4,81 |
| Taxa de cresc. acumulado (%) 2007 -2011 | 22,86 | 26,22 |
| Per Capita (R\$ 1,00) - 2011 | 2.1252,41 | 9.865 |

Fonte: IBGE e IPECE. (*) Brasil e Ceará: os dados 2011 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

O Gráfico 1 mostra as taxas anuais das economias do país e do Ceará. Percebe-se que, a exceção do período 2007/2006, a economia cearense obteve taxas de crescimento acima da média nacional.

Gráfico 1- Taxas de crescimento (%) do PIB – Brasil e Ceará - 2007-2011(*)



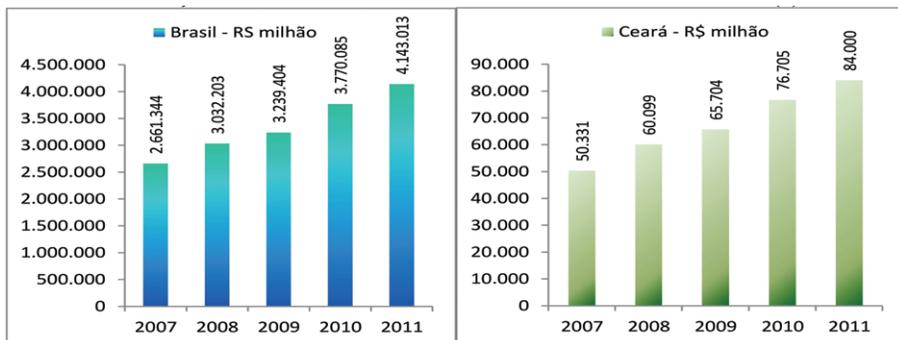
Fonte: IBGE e IPECE.

(*) Brasil e Ceará: os dados 2011 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais

Quanto aos valores do PIB para a série 2007-2011, que estão expressos no Gráfico 2, pode-se ver que no início do período o PIB cearense era de R\$ 50,3 bilhões, passando para R\$ 84 bilhões em 2011. Para o Brasil, o PIB de 2007 foi de R\$ 2.661,3 bilhões em 2011, alcançando o valor de R\$ 4.143,0 bilhões. É importante ressaltar que o PIB cearense

equivale a 2,1% do PIB nacional, ocupando em 2010 a 12ª colocação entre os estados brasileiros.

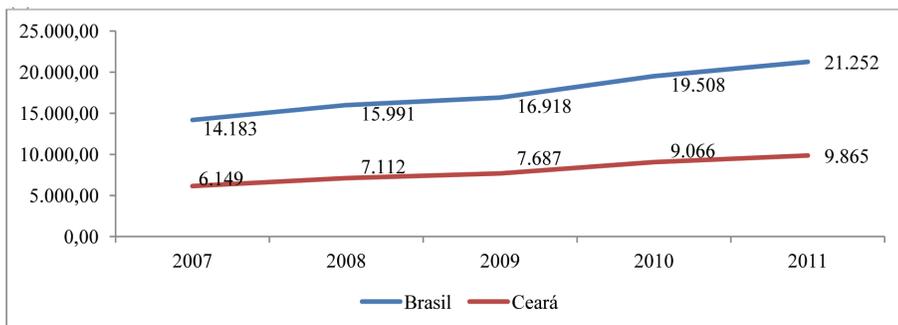
Gráfico 2 - Evolução dos valores correntes do PIB – Brasil e Ceará - 2007-2011(*)



Fonte: IBGE e IPECE. (*) Brasil e Ceará: os dados 2011 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

Em termos de PIB *per capita*, ou seja, a relação entre o valor do PIB e da população residente, a economia cearense gerou um valor de R\$ 6.149,00 em 2007, passando para R\$ 9.865,00 em 2011, ficando muito aquém do PIB *per capita* do Brasil, que foi de R\$ 21.252,00 neste mesmo ano (Gráfico 3). Como visto, em termos econômicos o Ceará ocupa a 12ª posição, mas possui a 8ª maior população do país, daí representar apenas cerca de 46,0% do PIB *per capita* nacional.

Gráfico 3 - Evolução dos Valores Correntes do Pib Per Capita - Brasil, Nordeste e Ceará - 2006-2010 (*) ()**



Fonte: IBGE e IPECE.

(*) Brasil e Ceará: os dados 2011 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

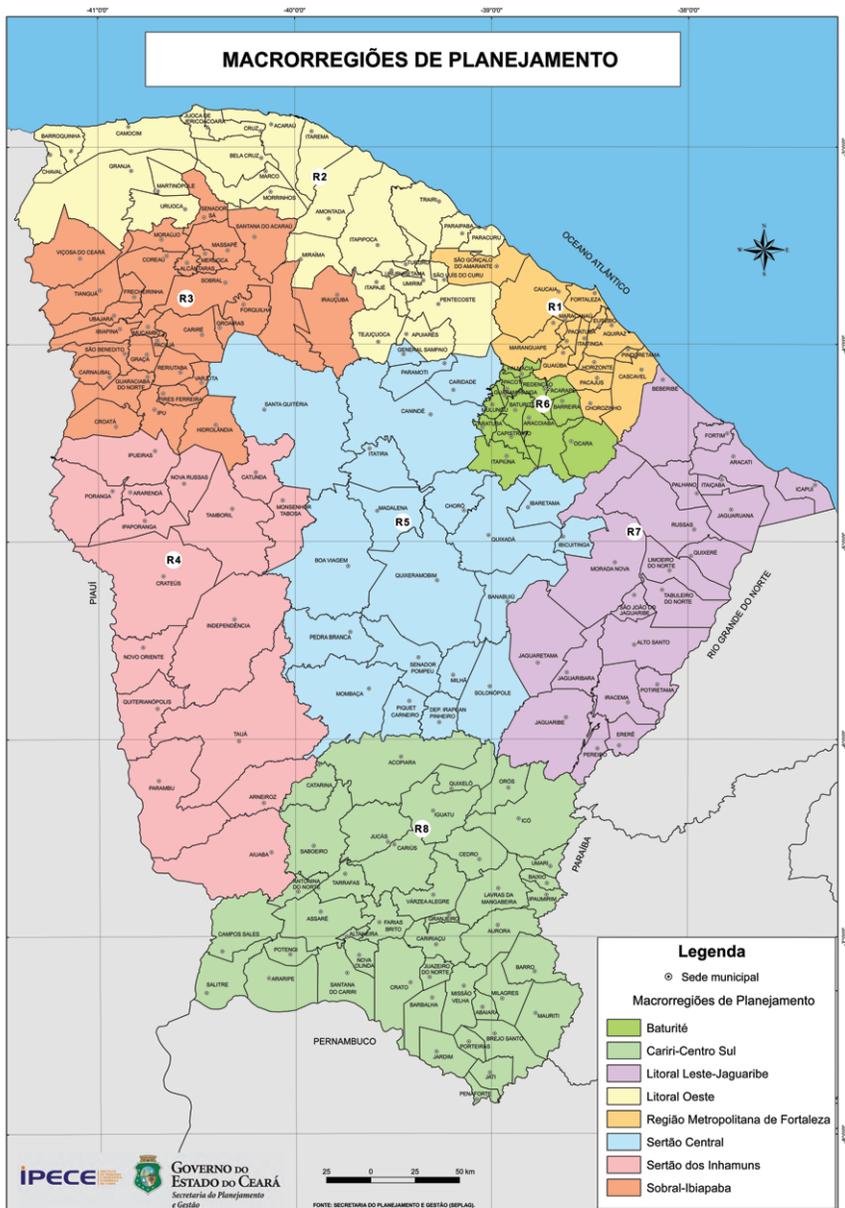
Os resultados da economia cearense mostram a forte vocação do Estado para o comércio. Em termos de Valor Adicionado, os Serviços cresceram, na série 2007-2011, a uma média anual de 5,9%, com uma participação de 72,1% na economia cearense. Dentre as atividades que compõem esse setor, o maior destaque cabe ao Comércio, que participa com 16,3%; a Administração Pública, que ainda tem papel relevante na composição dos Serviços, com 22,7% de participação intermediária financeira (5,6%); Transportes e correios (3,5%); e Alojamento e alimentação (2,2%), para destacar as atividades mais tradicionais.

A Indústria, que incorpora as atividades de Extrativa mineral, Transformação, Construção civil e Distribuição, produção de energia, água, gás, esgoto e limpeza urbana, registrou crescimento médio de 4,16%, com uma participação de 23,7% na economia estadual.

A Agropecuária, com a menor participação (4,2%) na economia cearense, registrou um acréscimo médio anual de 0,2%, na série de 2007/2011. Vale salientar que esta atividade sofre constante influência de oscilações climática, dado a inserção do Ceará na área semiárida nordestina.

Ressaltando a distribuição espacial da economia cearense, observa-se sua concentração na Região Metropolitana de Fortaleza (**R1**), que responde por 65,0% do PIB estadual, seguida das demais regiões por ordem de grandeza econômica: Cariri/Centro Sul (**R8**), 9,7%; Sobral/Ibiapaba (**R3**), 6,9%; Litoral Leste/Jaguaribe (**R7**), 5,6%; Litoral Oeste (**R2**), 5,4%; Sertão Central (**R5**), 3,7%; Sertão dos Inhamuns (**R4**), 2,3%; e Baturité (**R6**), 1,3%. As oito regiões estão evidenciadas na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição econômica pelas regiões administrativas–Ceará-2010(*)



Fonte: IBGE e IPECE.

(*) 2010: último dado disponível por municípios.

Com esses resultados o Ceará apresenta condições favoráveis para crescer com melhorias significativas nos indicadores sociais, o que pode ser alcançado caso esse crescimento se mantenha acompanhado de redução da desigualdade social.

No próximo item são destacados em linha gerais os resultados da economia cearense pelos três setores econômicos.

1.2 Estrutura Setorial da Economia

A Tabela 2 apresenta a estrutura setorial do Valor Adicionado a preços básicos da economia cearense e brasileira para o ano de 2010, o último com dados definitivos. Observa-se que as duas economias possuem estruturas semelhantes, com o setor de serviços destacando-se, com participações de 66,6% para o Brasil e 72,1% para o Ceará. Em seguida está a Indústria e por último a agropecuária, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 – Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado - Brasil e Ceará -2009

| Setores Econômicos | Brasil | Ceará |
|--------------------|--------|-------|
| Agropecuária | 5,3 | 4,2 |
| Indústria | 28,1 | 23,7 |
| Serviços | 66,6 | 72,1 |

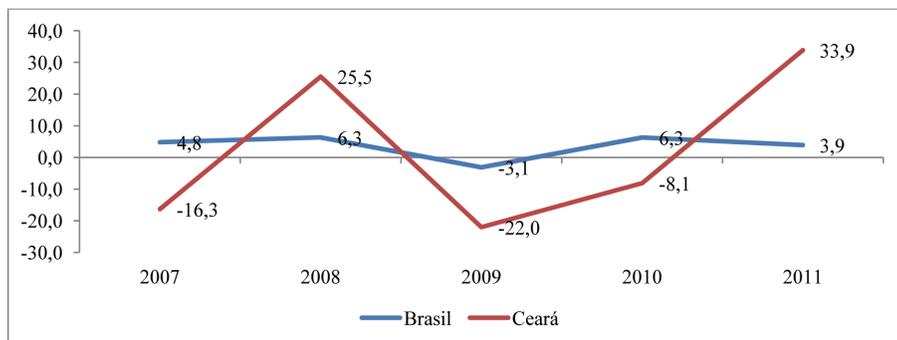
Fonte: IPECE e IBGE.

Se as estruturas setoriais das economias cearense e brasileira são semelhantes, o mesmo não ocorre em termos de desempenho. No que se refere ao comportamento dos setores ao longo dos anos 2007 a 2011, observa-se que a Agropecuária cearense registrou taxas de crescimento muito oscilantes, diferente da brasileira (Gráfico 4). As causas para o comportamento volátil da Agropecuária cearense residem na inserção, de grande parte, de seu território no semiárido nordestino, deixando o setor vulnerável às condições climáticas, ora com ocorrência de seca, ora com incidência de cheias. Essas irregularidades de chuvas provocam quedas nas safras de grãos, citando como exemplos os anos de 2007 e 2010.

Em termos de crescimento acumulado, a Agropecuária cearense, de

2007 a 2011, apresentou uma taxa de 0,8%, o que resultou numa média anual de 0,2%. Enquanto a brasileira, cresceu a uma taxa acumulada de 19,2% e uma média anual de 3,8%.

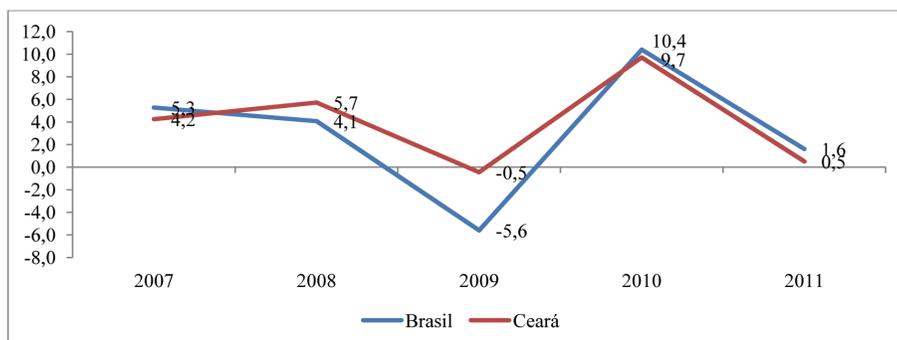
Gráfico 4 - Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Agropecuária - Brasil e Ceará -2007-2011



Fonte: IPECE e IBGE.

Na Indústria, o Ceará obteve um aumento de 9,7% em 2010, taxa essa, próxima à registrada para o Brasil, de 10,4%, sugerindo uma recuperação do setor ante a crise de 2008/2009 (Gráfico 5). Porém, em 2011, o desempenho da indústria não foi muito favorável, tanto para o Brasil como para o Ceará, com taxas de 1,6% e 0,5%, respectivamente. Em termos de taxas acumulada, o Ceará apresentou um crescimento de 20,8%, com uma média anual de 4,2%, no período 2007-2011, superiores as taxas da Indústria brasileira, 16,1%, com média de 3,2%.

Gráfico 5 - Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Indústria - Brasil e Ceará 2007-2011



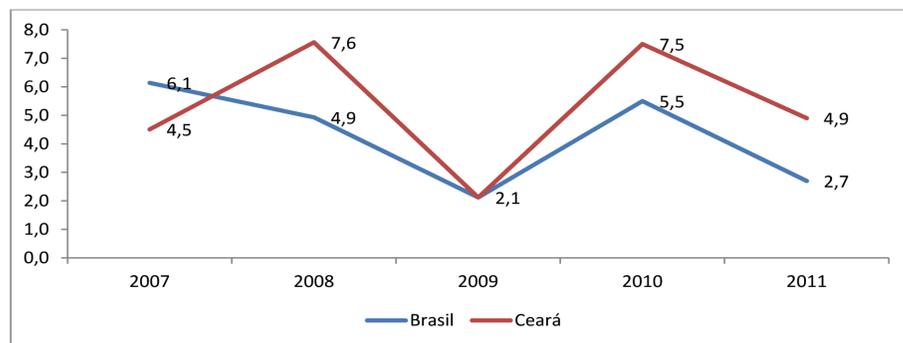
Fonte: IPECE e IBGE.

O setor de Serviços, que representava por volta de 72,0% do PIB

do Estado, registrou crescimentos acima da média para o setor em nível nacional na maioria dos anos entre 2007-2011, contribuindo decisivamente para o crescimento econômico estadual, como pode ser observado no Gráfico 6.

Os Serviços no Ceará cresceram 29,5% no acumulado do período, a uma média anual de 5,9%. Os resultados são superiores às mesmas comparações para o país, que teve taxa acumulada de 23,2% a uma média de 4,6%.

Gráfico 6 - Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado dos Serviços - Brasil e Ceará 2007-2011



Fonte: IPECE e IBGE.

Nas próximas seções, os setores econômicos serão analisados com maior detalhe permitindo um melhor entendimento do desempenho alcançado por cada um deles no período considerando.

2. SERVIÇOS

2.1 Composição Setorial do Serviço

De acordo com dados das Contas Regionais do IBGE, no ano de 2007, o PIB do setor de Serviços brasileiro medido pelo valor adicionado, ou seja, sem incluir o pagamento de impostos e nem concessão de subsídios, participou com 66,6% do PIB nacional. No Ceará essa participação foi mais significativa, igual a 70,2% do PIB do estado. Passados quatro anos a participação do PIB do setor de serviços no PIB nacional manteve-se constante, o mesmo não ocorrendo para o Ceará quando foi registrado aumento de

participação para 72,1%. Diante o exposto é possível notar que o setor de Serviços vem ganhando maior força dentro da economia cearense quando comparado à economia nacional, em detrimento principalmente da atividade Agropecuária.

Dentro as atividades do setor de Serviços, a que registrou o maior peso foi a Administração, saúde e educação públicas e seguridade social que, em 2010 passou a participar com 22,7% do PIB estadual, depois de registrar aumento de participação frente a 2007. No país, essa atividade participou com 16,2% do PIB nacional.

Tabela 3 – Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado – Brasil e Ceará – 2006 e 2009

| Atividades | Brasil | | Ceará | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| | 2006 | 2009 | 2006 | 2009 |
| Agropecuária | 5,56 | 5,30 | 6,19 | 4,16 |
| Indústria | 27,81 | 28,07 | 23,57 | 23,71 |
| Serviços | 66,63 | 66,63 | 70,24 | 72,13 |
| Comércio | 12,12 | 12,52 | 14,24 | 16,28 |
| Transportes, armazenagem e correio | 4,80 | 5,02 | 3,93 | 3,54 |
| Serviços de informação | 3,83 | 3,22 | 3,37 | 2,14 |
| Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados | 7,68 | 7,51 | 5,69 | 5,57 |
| Atividades imobiliárias e aluguéis | 8,50 | 7,83 | 7,72 | 7,67 |
| Administração, saúde e educação públicas e seguridade social | 15,46 | 16,20 | 21,32 | 22,69 |
| Outros serviços | 14,23 | 14,32 | 13,97 | 14,25 |
| Total da Economia | 100,00 | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

Fonte: IBGE.

Outros setores também tiveram papel de destaque dentro do ramo dos Serviços cearenses, a exemplo do Comércio que aumentou significativamente sua participação do PIB estadual passando de 14,2%, em 2007, para 16,3% em 2010. As Atividades imobiliárias e aluguéis também registraram um elevado grau de importância dentro do segmento de serviços do Estado com participação de 7,7%, aparecendo como terceira principal atividade dentro do grupo.

Vale notar que entre os anos de 2007 e 2010, apenas duas das atividades do setor de Serviços obtiveram ganho de participação no total do Valor Adicionado do Estado dentre as seis que foram analisadas: Administração, saúde e educação públicas e seguridade social que registrou ganho de participação de 1,36 pontos percentuais e o Comércio que registrou ganho de participação de 2,03 pontos percentuais, tendo sido o grande destaque do setor de serviços no período acumulado. Os resultados indicam a forte dinâmica ocorrida nesses setores, o aumento da participação e o ganho de importância do setor público cearense na formação do PIB do Estado.

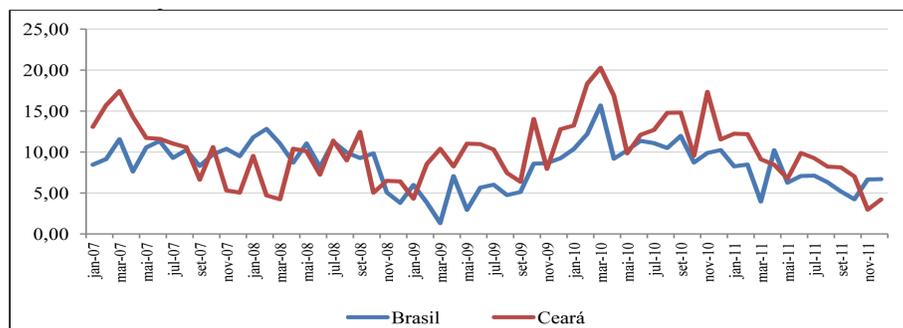
2.2 Evolução das Vendas do Comércio Varejista Cearense

Segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) que é realizada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do varejo comum cearense registrou um crescimento de 7,9% no acumulado do ano de 2011, ou seja, a menor taxa de crescimento anual dos últimos cinco anos.

Todavia, pode-se afirmar que esse desempenho abaixo da média dos últimos anos, é em parte reflexo da comparação com 2010, ano que registrou um forte crescimento. Mesmo assim, o varejo local se colocou acima da marca alcançada pelo país que teve alta de 6,6%, uma diferença de mais de um ponto percentual de crescimento.

Pela análise do Gráfico 07 abaixo, é possível observar a evolução mensal da taxa de crescimento das vendas do varejo comum cearense e nacional entre os meses de janeiro de 2007 a dezembro de 2011.

Gráfico 7 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Mensal do Volume de Vendas do Comércio Varejista Comum - Brasil e Ceará - 2007 a 2011



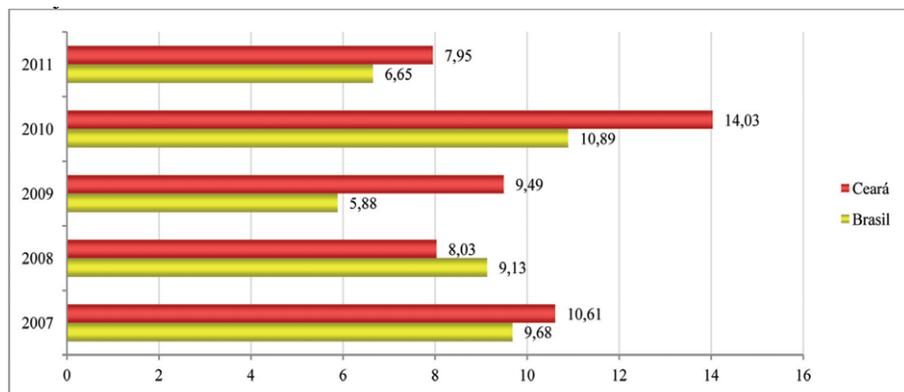
Fonte: PMC/IBGE.

É nítida a tendência de desaceleração da taxa de crescimento mensal tanto para o Estado quanto para o país, reflexo de um conjunto de medidas de combate à inflação que desestimularam bastante o consumo, a exemplo das cinco elevações consecutivas da taxa básica de juros da economia ao longo dos sete primeiros meses de 2011.

Mesmo com a política monetária mais restritiva, o varejo local experimentou taxas de crescimento mensal superiores as taxas nacionais ao longo de quase todo o ano de 2011 e isso influenciou no desempenho do acumulado do ano.

Vale notar que pela terceira vez consecutiva, a taxa de crescimento anual das vendas do varejo comum cearense registrou desempenho superior ao país, donde se pode afirmar que o estado vem ganhando participação no cenário nacional (Gráfico 08).

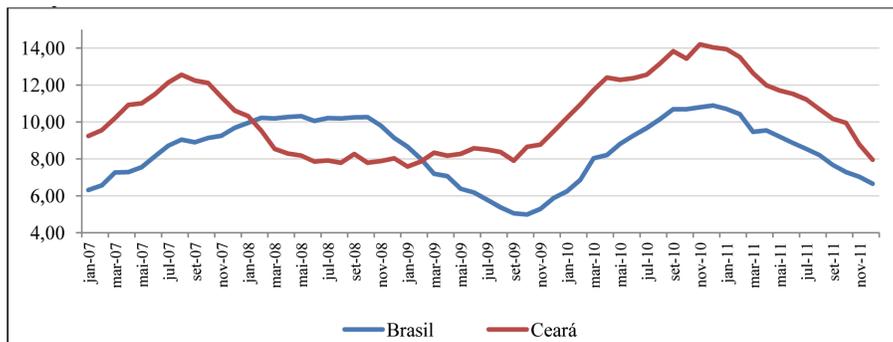
Gráfico 8 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Anual do Volume de Vendas do Comércio Varejista Comum - Brasil e Ceará - 2006 a 2010



Fonte: PMC/IBGE.

No que se refere a evolução da taxa de crescimento acumulada de 12 meses, é possível captar o comportamento da tendência de crescimento das vendas para Ceará e Brasil ao longo dos últimos cinco anos. Ver o Gráfico 09.

Gráfico 9 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) do Volume de Vendas do Comércio Varejista Comum - Acumulada de 12 meses - Brasil e Ceará – 2007 a 2011



Fonte: PMC/IBGE.

O varejo comum no Estado apresentou perda no seu dinamismo na segunda metade do ano de 2008 recuperando-se a partir de meados de 2009, mantendo uma trajetória ascendente durante o ano de 2010, mas voltando a apresentar uma clara tendência de desaceleração do ritmo das vendas em 2011. Vale notar que a tendência de crescimento de longo prazo das vendas se colocaram acima do país desde o segundo trimestre de 2009.

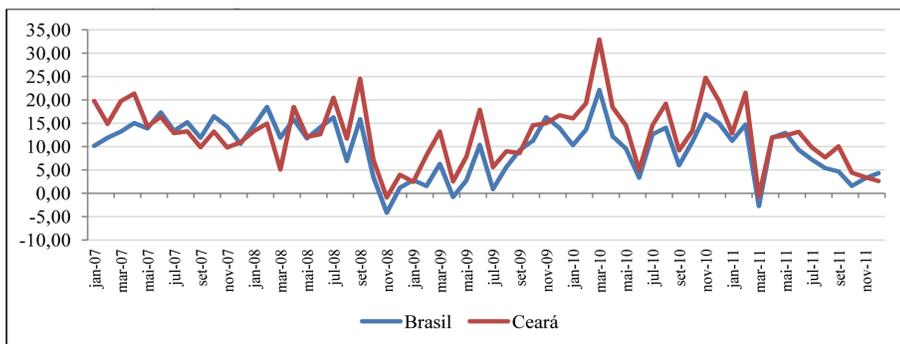
No período de 2007 a 2011, o varejo comum cearense e nacional registraram altas acumulada nos cinco anos de 61,0% e de 49,9%, respectivamente, ou seja, uma diferença acumulada de aproximadamente 11,2 pontos percentuais.

No tocante a receita nominal de vendas no estado, esta também apontou variação no ano de 2011 de 12,2%, superando a marca registrada pelo país de 11,5% no mesmo ano, uma diferença positiva pela terceira vez consecutiva. Já para o acumulado dos anos de 2007 a 2011, a receita nominal para o Ceará registrou alta de 90,1% enquanto que para o país alta foi de 80,9%, uma diferença de taxa de 9,15 pontos percentuais.

Com relação ao volume de vendas do varejo ampliado, que inclui além das vendas dos oito setores que formam o varejo comum, as vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças, e de Material de construção, esse registrou variação anual de 8,6%, superior a marca registrada pelo varejo comum estadual e também superior a marca alcançada pelo país de 6,6%.

Pela análise do Gráfico 10, pode-se notar que o arrefecimento da taxa de crescimento também foi observado no varejo ampliado, que chegou a registrar taxa mensal negativa de crescimento no ano de 2011. Essa desaceleração nas vendas foi provocada principalmente pelas vendas dos setores de Tecidos, vestuário e calçados, Material de construção, Outros artigos de uso pessoal e doméstico e de Combustíveis e lubrificantes.

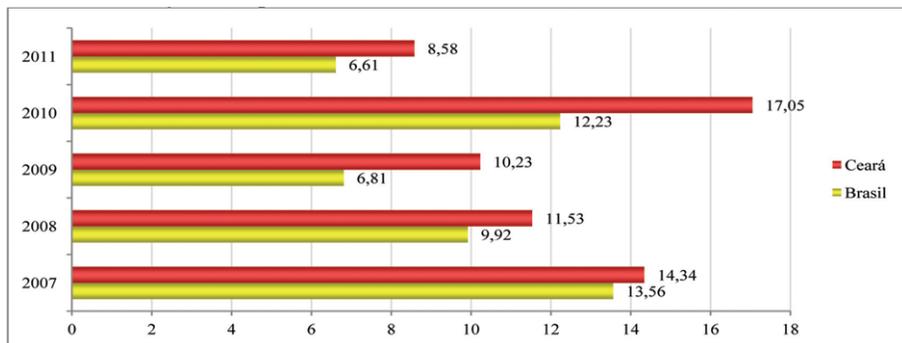
Gráfico 10 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Mensal do Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado - Brasil e Ceará - 2007 a 2011



Fonte: PMC/IBGE.

O varejo ampliado no Estado registrou taxas anuais de crescimento sempre acima daquelas registradas para o país no período de 2007 a 2011 com forte diferença de entre os anos de 2009 (3,42 p.p.) e 2010 (4,82 p.p.). Ver Gráfico 11.

Gráfico 11 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Anual do Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado - Brasil e Ceará - 2007 a 2011

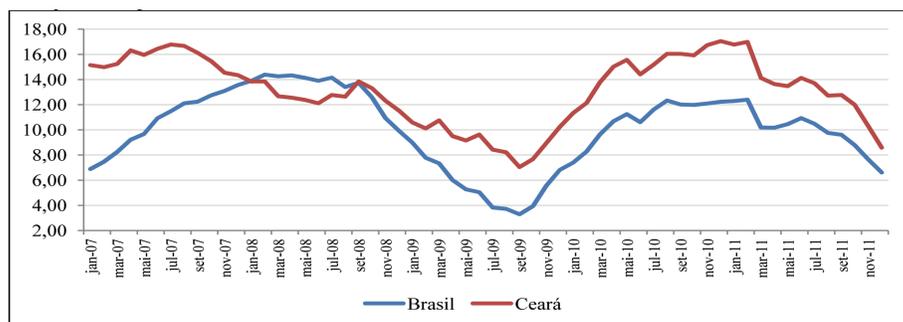


Fonte: PMC/IBGE.

As vendas ampliadas estaduais e nacionais também apresentaram um comportamento de desaceleração em 2011. Em janeiro, o Estado havia registrado variação acumulada de 12 meses de 16,8%, encerrando o ano com índice de 8,6% (Gráfico 12).

No acumulado do período de 2007 a 2011, o varejo ampliado cearense registrou taxa de crescimento de 78,6% enquanto que o país registrou alta de 59,5%, ou seja, uma diferença acumulada de 19,1 pontos percentuais em favor do estado. Assim, também no varejo ampliado o Ceará vem ganhando participação no cenário nacional na análise dos cinco últimos anos apesar da retração na dinâmica das vendas ocorrida em 2011.

Gráfico 12 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) do Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado - Acumulada de 12 meses - Brasil e Ceará – 2007 a 2011



Fonte: PMC/IBGE.

Por fim, a receita nominal de vendas do varejo ampliado no Ceará teve alta no ano de 2011 de 10,1%, inferior ao crescimento da receita nominal de vendas do varejo comum, mas superior a marca registrada pelo país que apontou variação positiva de 9,4%. O Estado também registrou variações anuais superiores às obtidas pelo país, o que resultou numa taxa de crescimento acumulada para o período de 2007 a 2011 de 99,6% para o estado e de 79,6% para o país, uma diferença de 19,98 p.p.

2.3 Comércio Cearense no Contexto Nacional

No ano de 2007, os Estados que registraram as maiores taxas de crescimento anual no varejo comum foram: Alagoas (19,2%), Maranhão (14,3%), Mato Grosso do Sul (13,4%), São Paulo (12,6%) e Mato

Grosso (12,2%), para listar as cinco maiores. O Ceará apareceu logo em seguida na 6^a colocação com crescimento de 10,6%.

Em 2011, Tocantins passou a ocupar a primeira colocação no ranking com taxa de crescimento de 25,2%, seguido por Paraíba (14,2%), Rondônia (10,6%), Roraima (10,6%) e Minas Gerais (10,0%). Nesse ano, o estado do Ceará passou a registrar a nona colocação com variação de 7,9%.

Ao se acumular o crescimento anual das vendas do varejo comum no período de 2007 a 2011 é possível notar que Tocantins teve a maior alta de 114,8%, seguido dos estados de Rondônia (87,7%) e Maranhão (66,3%). O Ceará, com taxa acumulada de 61,0%, registrou o quarto maior crescimento dentre os vinte e sete estados brasileiros. Os dados constam na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Anual do Varejo Comum – Brasil e Estados – 2007 a 2011

| Unidades da Federação | 2007 | | 2008 | | 2009 | | 2010 | | 2011 | | Acumulado no Período |
|-----------------------|-------------|----------|-------------|----------|-------------|----------|--------------|----------|-------------|----------|----------------------|
| | Var (%) | Rank. | Var (%) | Rank. | Var (%) | Rank. | Var (%) | Rank. | Var (%) | Rank. | |
| Tocantins | 7,70 | 16º | 5,06 | 23º | -2,52 | 27º | 55,62 | 1º | 25,17 | 1º | 114,85 |
| Parabá | 6,68 | 20º | 10,18 | 6º | 0,72 | 25º | 18,77 | 5º | 14,23 | 2º | 60,62 |
| Rondônia | 4,30 | 25º | 13,46 | 1º | 10,83 | 4º | 29,41 | 2º | 10,61 | 3º | 87,74 |
| Roraima | 0,13 | 27º | 7,94 | 12º | 11,29 | 3º | 19,31 | 4º | 10,60 | 4º | 58,72 |
| Minas Gerais | 7,02 | 18º | 7,56 | 15º | 4,80 | 16º | 11,38 | 16º | 10,00 | 5º | 47,80 |
| Acre | 5,57 | 24º | 6,57 | 19º | 6,01 | 11º | 22,43 | 3º | 9,50 | 6º | 59,89 |
| Maranhão | 14,26 | 2º | 9,23 | 7º | 3,78 | 20º | 17,37 | 7º | 9,41 | 7º | 66,33 |
| Pará | 10,19 | 8º | 1,65 | 26º | 3,59 | 21º | 12,67 | 12º | 8,10 | 8º | 41,32 |
| Ceará | 10,61 | 6º | 8,03 | 11º | 9,49 | 5º | 14,03 | 8º | 7,95 | 9º | 61,05 |
| Espírito Santo | 9,05 | 12º | 8,36 | 9º | -1,11 | 26º | 9,09 | 24º | 7,51 | 10º | 37,05 |
| Goiás | 6,28 | 21º | 8,79 | 8º | 5,08 | 15º | 13,00 | 10º | 7,39 | 11º | 47,74 |
| Bahia | 9,99 | 9º | 7,82 | 13º | 6,99 | 8º | 10,27 | 20º | 7,12 | 12º | 49,87 |
| Rio Grande do Norte | 8,22 | 15º | 10,99 | 3º | 4,18 | 19º | 9,36 | 22º | 7,05 | 13º | 46,49 |
| Paraná | 7,11 | 17º | 7,03 | 16º | 5,22 | 14º | 9,22 | 23º | 6,98 | 14º | 40,94 |
| Rio de Janeiro | 6,11 | 22º | 7,58 | 14º | 5,71 | 12º | 10,39 | 19º | 6,77 | 15º | 42,23 |
| Pernambuco | 9,85 | 10º | 6,76 | 17º | 5,41 | 13º | 11,92 | 14º | 6,67 | 16º | 47,58 |
| Santa Catarina | 10,35 | 7º | 6,19 | 21º | 6,79 | 9º | 7,57 | 26º | 6,27 | 17º | 43,05 |
| Rio Grande do Sul | 7,00 | 19º | 6,44 | 20º | 3,03 | 23º | 10,70 | 17º | 6,09 | 18º | 37,81 |
| São Paulo | 12,57 | 4º | 12,48 | 2º | 7,24 | 7º | 10,64 | 18º | 5,89 | 19º | 59,08 |
| Mato Grosso do Sul | 13,39 | 3º | 10,92 | 4º | 3,40 | 22º | 13,39 | 9º | 5,55 | 20º | 55,65 |
| Piauí | 0,64 | 26º | 8,24 | 10º | 13,26 | 1º | 4,30 | 27º | 5,00 | 21º | 35,12 |
| Amazonas | 5,98 | 23º | -1,51 | 27º | 4,35 | 18º | 9,93 | 21º | 4,86 | 22º | 25,56 |
| Distrito Federal | 8,32 | 14º | 3,93 | 25º | 0,97 | 24º | 8,24 | 25º | 4,30 | 23º | 28,33 |
| Mato Grosso | 12,24 | 5º | 10,60 | 5º | 4,57 | 17º | 18,05 | 6º | 3,68 | 24º | 58,88 |
| Alagoas | 19,24 | 1º | 5,80 | 22º | 8,19 | 6º | 12,52 | 13º | 3,53 | 25º | 59,00 |
| Amapá | 8,52 | 13º | 6,64 | 18º | 6,33 | 10º | 11,82 | 15º | 0,88 | 26º | 38,81 |
| Sergipe | 9,82 | 11º | 4,13 | 24º | 13,18 | 2º | 12,87 | 11º | 0,51 | 27º | 46,83 |
| Brasil | 9,68 | - | 9,13 | - | 5,88 | - | 10,89 | - | 6,65 | - | 49,88 |

Fonte: PIMC/IBGE.

Vale destacar que comportamento semelhante foi observado para o volume de vendas do varejo ampliado

quando o estado de Tocantins registrou a maior alta acumulada nos cinco anos de 139,1%, sendo seguido pelos estados de Rondônia (127,8%), Espírito Santo (100,0%), Acre (93,0%) e Mato Grosso (82,9%). O Estado do Ceará aparece logo em seguida na sexta colocação no ranking com taxa de crescimento acumulado nos cinco anos no volume de vendas do varejo ampliado de 78,6%.

2.4. Análise Setorial do Comércio Varejista Cearense

Apenas dois setores registraram queda no volume de vendas do varejo no ano de 2011 em relação a 2010. São eles, Tecidos, vestuário e calçados (-4,6%) e Combustíveis e lubrificantes (-1,4%). Por outro lado, os setores que registraram as maiores taxas de crescimento foram: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (21,7%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (18,8%), Livros, jornais, revistas e papelaria (16,7%), Móveis e eletrodomésticos (15,6%) e Veículos, motocicletas, partes e peças (10,6%) para listar aqueles que registraram crescimento acumulado acima do varejo comum.

Na comparação com 2010, apenas dois setores registraram taxa de crescimento superior, a saber, Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação com uma diferença de 7,26 pontos percentuais e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos com 5,55 pontos percentuais de diferença.

Por outro lado, os segmentos de Livros, jornais, revistas e papelaria; Veículos, motocicletas, partes e peças; Tecidos, vestuário e calçados; e principalmente Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo foram os que registraram as maiores retrações nas vendas na comparação dos dois anos, o que afetou a taxa de crescimento do varejo comum e do varejo ampliado cearense. Os dados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Evolução (%) das Vendas do Varejo por Setores – Brasil e Ceará – 2007 a 2011

| Setores | Brasil | | | | | Acumulado no Período | Ceará | | | | | Acumulado no Período |
|-------------------------------------------------------------------------|--------|-------|-------|-------|-------|----------------------|-------|-------|-------|-------|-------|----------------------|
| | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | |
| Combustíveis e lubrificantes | 5,05 | 9,33 | 0,84 | 6,58 | 1,55 | 25,35 | 12,67 | 17,77 | 10,00 | 3,54 | -1,40 | 49,01 |
| Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo | 6,44 | 5,48 | 8,35 | 8,93 | 4,04 | 37,86 | 3,13 | 1,78 | 14,44 | 18,73 | 7,20 | 52,89 |
| Hipermercados e supermercados | 6,82 | 5,27 | 8,10 | 8,65 | 4,02 | 37,38 | 4,08 | 1,82 | 14,58 | 19,20 | 7,20 | 55,16 |
| Têxteis, vestuário e calçados | 10,60 | 4,84 | -2,72 | 10,62 | 3,58 | 29,25 | 11,48 | 4,07 | -0,34 | 7,00 | -4,63 | 17,99 |
| Móveis e eletrodomésticos | 15,41 | 15,07 | 2,12 | 18,31 | 16,58 | 87,05 | 15,05 | 10,28 | 9,77 | 17,04 | 15,60 | 88,43 |
| Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos | 8,95 | 13,33 | 11,77 | 11,88 | 9,69 | 69,36 | 8,28 | 5,91 | 4,51 | 12,72 | 18,27 | 59,78 |
| Livros, jornais, revistas e papeleria | 7,10 | 11,10 | 9,59 | 11,96 | 5,90 | 54,61 | 2,14 | 14,40 | 7,74 | 30,13 | 16,75 | 91,26 |
| Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação | 29,47 | 33,47 | 10,61 | 24,31 | 19,56 | 184,08 | 77,41 | 39,83 | 8,20 | 14,46 | 21,72 | 273,96 |
| Outros artigos de uso pessoal e doméstico | 22,70 | 15,60 | 8,39 | 9,08 | 3,99 | 74,39 | 17,26 | 13,10 | 10,66 | 10,56 | 0,84 | 63,62 |
| Veículos, motocicletas, partes e peças | 22,61 | 11,88 | 11,05 | 14,13 | 6,13 | 84,52 | 21,32 | 18,36 | 14,66 | 23,59 | 10,63 | 125,12 |
| Material de construção | 10,75 | 7,81 | -6,61 | 15,66 | 9,11 | 40,72 | 23,50 | 15,16 | -4,59 | 11,99 | 2,16 | 55,25 |

Fonte: PMC-IBGE.

O setor de Livros, jornais, revistas e papelaria (10,80 p.p.) apesar da retração nas vendas ainda apresentou crescimento superior ao registrado pelo país. Esse comportamento foi seguido por Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; Veículos, motocicletas, partes e peças; Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo e Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (Tabela 05).

No acumulado dos cinco anos, o segmento de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação registrou taxa de crescimento superior àquela registrada para o país com diferença de 89,80 pontos percentuais. Em seguida apareceram outros seis setores apresentando igual comportamento, a exemplo de Veículos, motocicletas, partes e peças (40,60 p.p.); e Livros, jornais, revistas e papelaria (36,66 p.p.). Ver Tabela 05.

Por outro lado, os segmentos de Tecidos, vestuário e calçados; Outros artigos de uso pessoal e doméstico; e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos registraram taxas de crescimento inferiores as que foram apresentadas pelo país também no acumulado dos cinco anos (Tabela 05).

O segmento de Combustíveis e lubrificantes cearense experimentou forte retração das vendas em 2011, sendo sua tendência de crescimento de longo prazo bastante afetada na comparação com o mesmo setor no país. Com relação às vendas do setor de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, depois de haver apresentado forte alta em 2010, este setor vem apresentando desaceleração na sua taxa de crescimento, mas ainda se mantendo bem acima do que foi registrado pelo país.

No segmento de Móveis e eletrodomésticos, quando o Ceará vinha registrando tendência de ascensão superior ao país, no ano de 2011 foi registrado perda de participação com taxa de crescimento de longo prazo ficando abaixo da marca nacional. O setor de Tecidos, vestuário e calçados apresentou forte desaceleração tanto nas vendas nacionais quanto nas vendas locais passando a registrar taxa de crescimento negativa no final do ano de 2011 para o estado.

O segmento de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos registrou forte elevação das vendas no estado passando a superar a tendência de crescimento de longo prazo do país. O setor de Livros, jornais, revistas e papelaria ainda mantém uma taxa

de crescimento de longo prazo superior a registrada pelo país apesar da forte retração observada ao longo de todos os meses de 2011.

Enquanto isso, o setor de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação vem mantendo uma taxa de crescimento estável acompanhada de leve alta no final do ano de 2011. Já as vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças locais apesar da retração observada ainda registraram desempenho superior no estado, comportamento diferente foi observado nas vendas de Materiais de construção. Os dados dos segmentos analisados constam na Tabela 05.

Diante o exposto, é possível afirmar que o pacote de medidas de austeridade fiscal e de restrição ao consumo afetaram claramente as vendas da maioria dos setores do varejo local e nacional ao longo da maior parte do ano de 2011.

3. INDÚSTRIA

A análise do setor industrial cearense observa a Indústria Geral e os segmentos que a compõem: a Indústria Extrativa Mineral, a Indústria de Transformação, a Construção Civil e os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP). A avaliação considerou, dentre outros, indicadores relativos à produção e ao emprego, discutindo a evolução registrada entre os anos de 2007 e 2011, com especial atenção aos últimos anos do período.

Em 2010, observando a estrutura setorial da economia estadual, a Indústria Geral respondeu por 23,7% do Produto Interno Bruto (PIB) cearense, percentual pouco acima dos 23,6% registrados em 2007. Considerando a composição do setor, o segmento de transformação respondeu pela maior parcela do PIB industrial, com 11,4% de participação, resultado inferior ao ano de 2007, no qual a participação foi de 12,2%. Construção Civil e os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP) seguiram na direção oposta e ampliaram o peso no setor. Diferenças nos ritmos de crescimento do valor adicionado ajudam a explicar tais mudanças estruturais. Os dados são apresentados na Tabela 6¹.

¹ O ano 2010 é o último com dados definitivos para o Produto Interno Bruto.

Tabela 6 – Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado – Indústria Ceará – 2007 e 2010

| Setores da Economia | 2007 | 2010 |
|--------------------------------------------------|--------------|--------------|
| Agricultura | 6,2 | 4,2 |
| Comércio e Serviços | 70,2 | 72,1 |
| Indústria | 23,6 | 23,7 |
| Indústria extrativa mineral | 0,6 | 0,4 |
| Indústria de transformação | 12,2 | 11,4 |
| Construção Civil | 5,5 | 5,7 |
| Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP) | 5,3 | 6,2 |
| Total da Economia | 100,0 | 100,0 |

Fonte: IBGE.

3.1 Indústria Geral

Na passagem de 2010 para 2011, considerando o Valor Adicionado, a Indústria Geral no Estado permaneceu estagnada, com um crescimento de apenas 0,5%². Tal desempenho foi especialmente influenciado pelo resultado negativo apresentado pela Indústria de Transformação, que registrou uma retração de 3,3%. Diante da importância que o segmento possui para o total da indústria, as taxas positivas dos setores de Construção Civil (4,9%) e Serviços Industriais de Utilidade Pública (5,2%) não foram suficientes para uma maior expansão da atividade no Estado.

O desempenho em 2011 se opõe à recuperação experimentada pelo setor em 2010, ano marcado pelas ações anticíclicas e de estímulos à economia adotadas em nível nacional como resposta à crise instaurada em 2009. Embora o resultado de 2010 tenha influenciado o de 2011, na medida em que se coloca como uma base elevada de comparação, o desempenho do último ano é também explicado por outros fatores. A tomar pela indústria de transformação, além dos problemas de competitividade, geralmente exacerbados numa conjuntura adversa, têm-se a continuidade de um ambiente instável na economia internacional, a concorrência com os produtos estrangeiros e a taxa de câmbio em um patamar pouco interessante ao setor como os motivos que não permitiram uma retomada sustentável da atividade e contribuíram para

² Valor adicionado equivale ao PIB a preços básicos e, neste caso, os impostos não são computados como ocorre no PIB a preços de mercado. Os resultados para o ano de 2011 é estimativa e pode sofrer alterações.

estagnação da Indústria Geral.

Considerando todo o período, 2007 a 2011, a Indústria de Transformação registrou um crescimento médio anual de apenas 1,8%. O comparativo das médias anuais para os subperíodos de 2006 a 2008 e de 2009 a 2011 retrata uma mudança acentuada na trajetória do setor, com perda de dinamismo e retração que podem ser associados, embora não apenas, à crise internacional e as suas repercussões na economia nacional. De fato, entre os anos de 2006 e 2008, a média foi de 3,9%, ao passo que nos anos seguintes o percentual se reduz para -0,2%.

Com características diferentes, a atividade da Construção Civil apresentou um comportamento distinto ao demonstrado pelo segmento de transformação. Pouco afetada pela crise econômica e favorecido por medidas de incentivo ainda válidas para 2011, o setor registrou taxas positivas de crescimento que resultaram em uma expansão média anual de 8,0% entre os anos de 2007 e 2011.

Apesar da maior influência do segmento da transformação, a Indústria Geral no Ceará registrou um crescimento médio, entre anos de 2007 e 2011, de 4,1%, retratando uma clara influência da Construção Civil e dos Serviços Industriais (SIUP). Os dados discutidos são apresentados na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 – Taxas de Crescimento (%) Anual do Setor Industrial (*) Ceará – 2007 a 2011

| Ano | Indústria Geral | Extrativa | Indústria de Transformação | Construção Civil | SIUP |
|--------|-----------------|-----------|----------------------------|------------------|------|
| 2007 | 4,2 | 9,3 | 3,5 | 5,1 | 4,5 |
| 2008 | 5,7 | -10,4 | 4,0 | 8,8 | 8,3 |
| 2009 | -0,4 | -4,4 | -4,3 | 2,3 | 6,1 |
| 2010 | 11,8 | -8,2 | 8,2 | 20,9 | 13,1 |
| 2011** | 0,5 | -5,8 | -3,3 | 4,9 | 5,2 |

Fonte: IBGE.

(*) Variação em volume do Valor Adicionado em relação ao ano anterior.

(**) Valores estimados para 2011. Para os demais anos os dados são definitivos.

No tocante ao emprego, em 2011, o estoque de trabalhadores formais na indústria cearense foi de 347,2 mil empregados, um crescimento de apenas 3,0% sobre o ano de 2010, reflexo da conjuntura adversa já citada. Dentre os segmentos, a Indústria de Transformação concentrou a maior parcela, com percentual de 72,5% do estoque total de empregados, o que significa 251,7 mil indivíduos em 2011. Segunda na

lista, a Construção Civil concentrou 24,5% dos trabalhadores formais, o equivalente a 85,0 mil empregados. Os dados constam na Tabela 8.

Tabela 8 – Número de Empregados Formais no Setor Industrial – Ceará – 2007 a 2011

| Indústria | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Var. % 2011/2010 | Var. % 2011/2007 | Part. % 2011 |
|-------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------------|---------------------|-----------------|
| Geral | 255.393 | 270.375 | 304.873 | 337.171 | 347.176 | 3,0% | 35,9% | 100,0% |
| Extrativa Mineral | 2.448 | 2.600 | 2.713 | 2.654 | 2.812 | 6,0% | 14,9% | 0,8% |
| Transformação | 208.149 | 215.542 | 236.851 | 251.357 | 251.767 | 0,2% | 21,0% | 72,5% |
| SIUP | 6.776 | 6.518 | 6.874 | 7.187 | 7.603 | 5,8% | 12,2% | 2,2% |
| Construção Civil | 38.020 | 45.715 | 58.435 | 75.973 | 84.994 | 11,9% | 123,6% | 24,5% |

Fonte: RAIS/MTE.

Considerando todo o período, entre os anos de 2007 a 2011, o crescimento do emprego formal na indústria chegou a 35,9%, o que representou 91,8 mil novos postos de trabalho, em um comportamento que acompanha o desempenho da produção. Entre os segmentos, a Construção Civil foi o destaque com a criação de 47,0 mil vagas, um crescimento de 123,6%, retratando a expansão da atividade no Estado nos últimos anos. A Indústria de Transformação criou, no período, 43,6 mil vagas, ampliando o estoque de trabalhadores em 21,0%.

Apesar do crescimento, a participação dos empregos industriais no total da economia não se alterou nos anos analisados: 24,1% em 2007 para 24,7% em 2011. Em conjunto, a economia cearense ampliou o estoque de empregos em 32,8%, alcançando a marca de 1,4 milhão de trabalhadores formais em 2011.

3.2 Indústria de Transformação

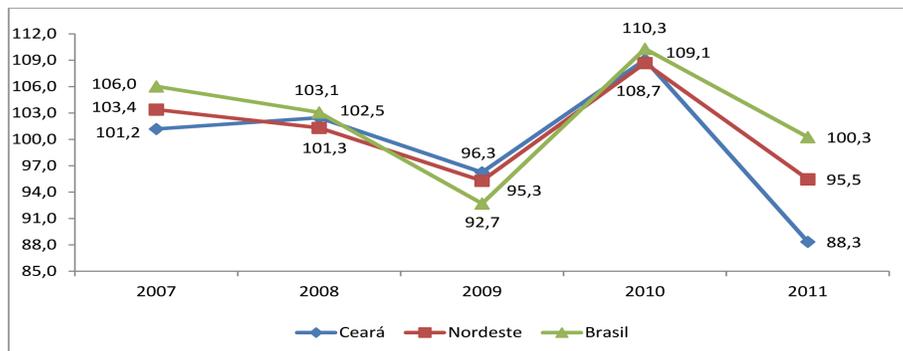
Seja quando se considera a produção, seja quando se observa o estoque de empregados, a Indústria de Transformação se coloca como principal segmento da Indústria Geral. Os indicadores comentados a seguir aprofundam a discussão sobre o desempenho da atividade nos anos de 2007 a 2011.

3.2.1 Produção Física

Em 2011, a Indústria de Transformação cearense apresentou uma queda de 11,7% em sua produção física em relação a 2010, revertendo o resultado positivo de 9,1% registrado na comparação entre 2010 e 2009³. Os resultados para produção física corroboram o comportamento apresentado pelo valor adicionado. A base de comparação elevada que é 2010 e a conjuntura adversa presente em 2011, como já comentado, ajudam a compreender o ritmo da atividade no período.

No Nordeste, a Indústria de Transformação apresentou uma redução de 4,5% em 2011, após uma expansão de 8,7% em 2010, ambas as comparações com relação ao ano anterior. Já a Indústria de Transformação nacional, para o mesmo tipo de comparação, registrou movimentos positivos, com expansão de 0,3% em 2011 e de 10,3% em 2010. O Gráfico 13 traz os resultados.

Gráfico 13 – Produção Física da Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil – 2007 a 2011 (*)



Fonte: PIMPF/IBGE.

Embora com estruturas industriais diferentes e ritmos distintos da produção especialmente em 2011, quando se observa Ceará, Nordeste e Brasil os resultados apontam para uma perda de dinamismo da atividade industrial no último ano. Pouco diversificada e concentrada em segmentos tradicionais, como os produtores de alimentos, têxteis e calçados, a Indústria cearense, em particular, parece sofrer em maior intensidade com a conjuntura adversa de 2011.

Considerando todo o período, a Indústria cearense registrou uma retração de 5,0% no resultado acumulado dos anos de 2007 a 2011.

³ Os resultados são da Pesquisa Industrial Mensal – produção física do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PIM-PF/IBGE)

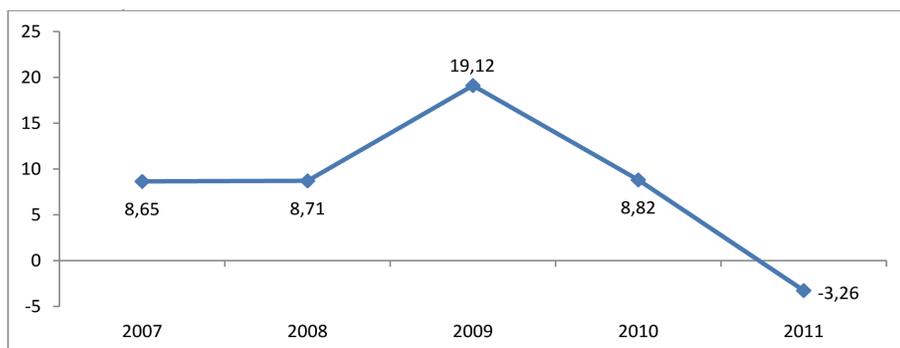
Tal resultado reverte o desempenho positivo de 8,8% entre os anos de 2006 e 2010, e reflete as retrações de 2009 e 2011. Para o Nordeste e o Brasil os percentuais foram, respectivamente, de 0,2% e 5,6%.

O resultado da Indústria de Transformação foi influenciado pelo desempenho dos segmentos tradicionais na economia cearense. A Indústria de Calçados e Artigos de Couro, mais afetada pela conjuntura externa, apresentou um recuo de 15,3% na produção física entre 2007 e 2011. Já os setores Têxtil, e Vestuário e Acessórios, com desempenhos influenciados pelo ambiente interno e pela concorrência com produtos estrangeiros registraram taxas, respectivas, de -28,1% e -10,4%.

3.2.2 Vendas

Os resultados das vendas entre 2010 e 2011 reforçam o cenário de retração da atividade industrial no Estado. De fato, acompanhando o comportamento da produção, a redução foi de 3,2% entre tais anos ⁴. Em todo o período, 2007 a 2011, as vendas da Indústria de Transformação cearense acumulam, em valor, um crescimento de 48,1%. Ver Gráfico 14.

Gráfico 14 – Taxa de Crescimento (%) Real Anual das Vendas da Indústria de Transformação – Ceará – 2007 a 2011



Fonte: INDI/FIEC.

3.2.3 Comércio Exterior

No *front* externo a realidade dos números é um pouco melhor. As exportações industriais cearenses, embora em menor intensidade, preservaram os resultados positivos e registraram um crescimento de 6,6% entre os anos de 2010 e 2011. De fato, tal resultado é positivo,

⁴ Os percentuais refletem taxas de crescimento real. Os dados constam de pesquisa mensal realizada pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará intitulada Indicadores Industriais. O levantamento contempla os sete principais setores da Indústria de Transformação no Ceará cobrindo no mínimo 50% dos empregados da Indústria.

mas reflete uma redução no ritmo de expansão das vendas externas por parte da indústria local, diminuindo a velocidade de recuperação após o estouro da crise internacional em 2008. Vele lembrar que na passagem de 2009 para 2010 o crescimento das vendas ao exterior foi de 21,3%. A base de comparação elevada que foi 2010 e as instabilidades na economia internacional ainda existentes em 2011 contribuíram para o recuo observado nas exportações. As exportações totais do estado acompanharam o movimento dos produtos industriais, principais itens vendidos ao exterior, e cresceram 10,5% entre tais anos, após uma elevação de 17,5% entre 2010 e 2009. Os dados são apresentados na Tabela 9.

Tabela 9 – Exportações por Fator Agregado – Ceará – 2007 a 2011

| Ano | Básicos | Industrializados | | | Total |
|------------------------------|---------|-------------------|---------------|------------------------|------------------|
| | | Semimanufaturados | Manufaturados | Total Industrializados | |
| 2007 | 316.422 | 205.995 | 603.254 | 809.251 | 1.148.358 |
| 2008 | 339.248 | 258.295 | 654.189 | 912.483 | 1.276.970 |
| 2009 | 362.026 | 165.357 | 535.161 | 700.520 | 1.080.166 |
| 2010 | 373.669 | 227.034 | 622.500 | 849.535 | 1.269.497 |
| 2011 | 458.753 | 282.164 | 623.213 | 905.380 | 1.403.297 |
| Participação (%) 2011 | 32,69% | 20,11% | 44,41% | 64,52% | 100,00% |
| Varição (%) 2007-2011 | 44,98% | 36,98% | 3,31% | 11,88% | 22,20% |
| Varição (%) 2010-2011 | 22,77% | 24,28% | 0,11% | 6,57% | 10,54% |

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1.000 FOB.

Entre 2007 e 2011, as exportações dos produtos industriais acumularam um crescimento de 11,9%, atingindo a soma de US\$ 905,4 milhões no último ano. Neste, os bens industrializados concentraram 64,5% das exportações totais, divididos em produtos semimanufaturados, com 20,1% de participação nas vendas, e os produtos manufaturados, com participação de 44,4%. No mesmo período, as vendas totais do estado ao exterior aumentaram em 22,2% alcançando US\$ 1,4 bilhão em 2011.

Apesar da perda de dinamismo experimentado pela atividade industrial em 2011, as importações cearenses de bens de capital aumentaram 13,3% em relação ao ano anterior, o que sugere a manutenção dos planos de investimento apesar do ambiente instável. Quanto aos bens

de consumo, influenciado pelo câmbio favorável na maior parte do ano, o aumento das importações chegou a 89,6%, ratificando o cenário de concorrência enfrentado pela indústria local.

Entre 2007 e 2011, as compras externas de bens de capital e bens intermediários (destinados à produção industrial) exibiram um crescimento expressivo, com maiores contribuições para o aumento de 70,7% no valor total importado pelo Ceará no período. Em 2011, as importações totais foram de US\$ 2,4 bilhões.

No início da série, em 2007, a participação de tais itens girava em torno de 62,1%, chegando a 91,7% em 2008 e recuando em seguida para os atuais 79,9% de participação em 2011. Esta maior importância se deve principalmente ao aumento da participação dos bens de capital, que saltou de 12,3% em 2007 para 21,3% em 2011. Ver tabela 10.

Tabela 10 – Importações por Setor de Contas Nacionais – Ceará – 2007 a 2011 (*)

| Ano | Básicos | Bens Intermediários | Bens de Consumo | Combustíveis e Lubrificantes | Total |
|-------------------------------|---------|---------------------|-----------------|------------------------------|------------------|
| 2007 | 172.975 | 701.440 | 54.778 | 478.673 | 1.407.866 |
| 2008 | 364.577 | 1.064.759 | 86.382 | 42.838 | 1.558.557 |
| 2009 | 311.706 | 742.479 | 85.158 | 91.041 | 1.230.384 |
| 2010 | 452.722 | 1.301.906 | 93.268 | 319.680 | 2.167.576 |
| 2011 | 512.944 | 1.406.489 | 176.833 | 307.063 | 2.403.329 |
| Participação (%) 2011 | 21,34% | 58,52% | 7,36% | 12,78% | 100,00% |
| Variação (%) 2007-2011 | 196,54% | 100,51% | 222,82% | -35,85% | 70,71% |
| Variação (%) 2010-2011 | 13,30% | 8,03% | 89,60% | -3,95% | 10,88% |

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1.000 FOB.

3.2.4 Emprego

A evolução do emprego no setor industrial cearense, embora não negativa, acompanhou a trajetória da produção e reduziu o ritmo entre 2010 e 2011. Como visto no início da seção, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o estoque de empregos formais na indústria de transformação permaneceu estável entre os anos de 2011 e 2010, alta de apenas 0,2%. Entre os anos de 2007 e 2011, o aumento foi 21,0% resultando em um total de 251,8 mil indivíduos no último ano.

Em 2011, a Indústria Têxtil, a de Calçados e a de Alimentos e Bebidas concentraram, em conjunto, 70,0% do estoque total de trabalhadores

empregados no segmento de transformação, se colocando como maiores empregadores neste ano. Na verdade, a composição de 2011 preserva um cenário comum a todos os anos analisados. No período, pelo menos quanto ao emprego, não se percebeu nenhuma mudança na estrutura industrial no estado, apesar do forte crescimento experimentado por algumas das atividades que o compõem (ver tabela 11).

Considerando estes principais setores, na passagem de 2010 para 2011, a Indústria de Alimentos e Bebidas foi a única a apresentar crescimento, com uma taxa de 6,6%. As indústrias Têxtil e de Calçados, na mesma comparação, amargaram redução no estoque de empregados formais, com taxas, respectivas, de -2,4% e -2,7%. No acumulado do período, 2007 a 2011, a indústria têxtil, a despeito da redução na margem, registrou a maior expansão dentre os principais setores, com percentual de 19,4%, o equivalente a 11,6 mil novos empregados. Ver tabela 11.

Tabela 11 – Número de Empregados Formais na Indústria de Transformação – Ceará – 2007 a 2011

| Setores da Indústria de Transformação | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | Var. % 2011/2010 | Var. % 2011/2007 | Part. % 2011 |
|---------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|------------------|------------------|--------------|
| Transformação | 208.149 | 215.542 | 236.851 | 251.357 | 251.767 | 0,2% | 21,0% | 100,0% |
| Indústria Têxtil | 58.046 | 62.706 | 65.969 | 71.006 | 69.299 | -2,4% | 19,4% | 27,5% |
| Indústria Calçados | 52.962 | 49.832 | 62.365 | 63.562 | 61.843 | -2,7% | 16,8% | 24,6% |
| Alimentos e Bebidas | 39.168 | 40.782 | 43.415 | 42.331 | 45.115 | 6,6% | 15,2% | 17,9% |
| Indústria Metalúrgica | 10.286 | 11.395 | 12.774 | 14.425 | 14.068 | -2,5% | 36,8% | 5,6% |
| Indústria Química | 10.815 | 11.498 | 12.061 | 13.090 | 12.495 | -4,5% | 15,5% | 5,0% |
| Produtos Mineral Não Metálico | 9.323 | 9.976 | 10.324 | 12.041 | 13.273 | 10,2% | 42,4% | 5,3% |
| Papel e Gráfica | 6.682 | 7.004 | 7.656 | 8.359 | 8.715 | 4,3% | 30,4% | 3,5% |
| Madeira e Mobiliário | 6.261 | 6.614 | 6.918 | 8.066 | 8.512 | 5,5% | 36,0% | 3,4% |
| Borracha, Fumo, Couros | 6.614 | 6.626 | 6.392 | 7.706 | 7.389 | -4,1% | 11,7% | 2,9% |
| Indústria Mecânica | 3.981 | 3.831 | 3.876 | 4.683 | 4.840 | 3,4% | 21,6% | 1,9% |
| Material de Transporte | 2.505 | 3.000 | 3.125 | 4.193 | 4.109 | -2,0% | 64,0% | 1,6% |
| Elétrico e Comunicação | 1.506 | 2.278 | 1.976 | 1.895 | 2.109 | 11,3% | 40,0% | 0,8% |

Fonte: RAIS/MTE.

Por fim, cabe analisar o comportamento do mercado de trabalho considerando a evolução do pessoal ocupado e da folha de pagamento real a partir dos dados da Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (PIMES/IBGE)⁵. Os gráficos 15 e 16 comparam os indicadores

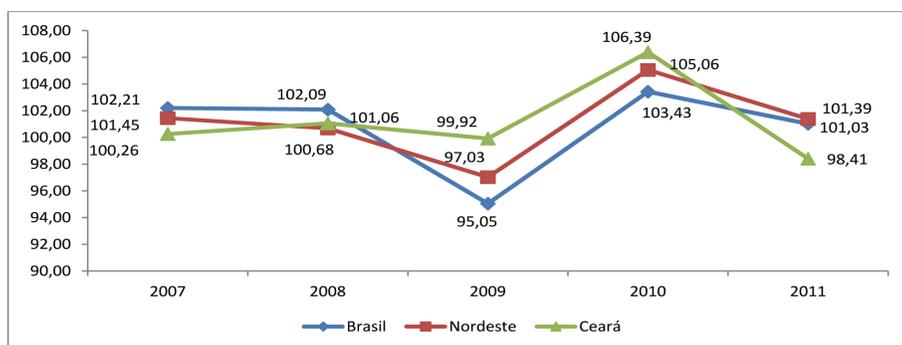
⁵ Diferente da RAIS, a PIMES é uma pesquisa junto às empresas e não um registro administrativo. A metodologia diferente permite uma leitura complementar da situação do emprego na indústria cearense.

entre Ceará, Nordeste e Brasil.

Como pode ser visto, em ambos os indicadores a indústria cearense apresentou desempenhos inferiores para os anos 2010 e 2011, em especial na evolução do pessoal ocupado, corroborando, como os demais indicadores, o menor dinamismo da manufatura local.

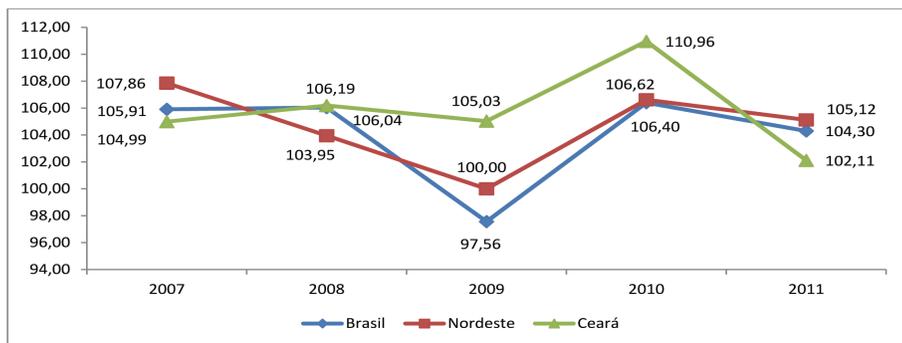
Por outro lado, no acumulado do período a indústria cearense apresentou melhores resultados, confirmando o momento relativamente pior na margem. Nesta comparação, o pessoal ocupado cresceu 6,0% entre 2007 e 2011, a passo que a folha de pagamento aumentou em 32,7%. Para o Nordeste, os resultados foram, nesta ordem, 5,6% e 25,7%, e para o Brasil, 3,6% e 21,6%.

Gráfico 15 - Evolução do Pessoal Ocupado na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil – 2007 a 2011



Fonte: PIMES/IBGE

Gráfico 16 - Evolução da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil – 2006 a 2010



Fonte: PIMES/IBGE

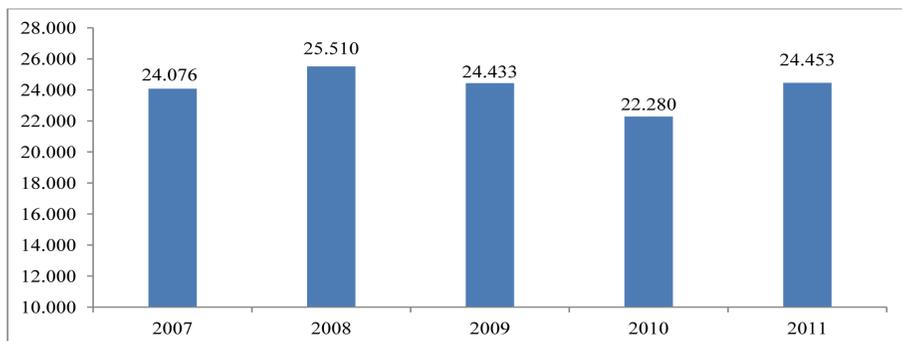
4. AGRONEGÓCIO

A produção agrícola é, intrinsecamente, uma atividade de risco que depende de uma série de variáveis que a delimitam tanto do ponto de vista quantitativo quanto espacial. Os fatores de produção da agropecuária são relativamente mais escassos e não apresentam uma relação linear entre si, a começar pela terra, seu recurso mais básico. Alguns desses, podem, inclusive, provocar retornos decrescentes a partir de determinadas quantidades, como é o caso da água. A necessidade de que diversos eventos aconteçam no tempo e na intensidade ideais, somada ao fato destes estarem fora da governança dos agentes produtivos, concedem à atividade agrícola um grau de risco especialmente maior.

Nesse cenário de suscetibilidade, 2011 foi um ano acertado para a agropecuária, com a ocorrência de precipitações em quantidade e distribuição espacial que favoreceram a produção, levando a um novo recorde da safra de grãos, superando o recorde anterior obtido em 2006. Assim, a safra de grãos em 2011 alcançou a marca de 1,3 milhão de toneladas. Considerando que a safra do ano anterior havia sido frustrada, exatamente pela condição de seca, o crescimento da safra de 2011 se sobressai, com uma taxa de 282,8%.

No tocante ao emprego, com os resultados positivos em 2011, observou-se um crescimento de 9,8% no total de empregos na agropecuária em relação ao ano anterior. Entretanto, percebe-se que, a despeito do desempenho da safra, as variações no número de empregos não são significativas, sendo mantida uma média anual de 24.000 empregos entre os anos de 2007 e 2011, conforme gráfico 17. Em 2011, esse setor respondeu por apenas 1,7% do total de empregos formais do Ceará, ocorrendo uma redução na participação, visto que em 2007 esse setor tinha participação de 2,3%.

Gráfico 17 – Estoque de Empregos (*) na Agropecuária – Ceará - 2007 a 2011



Fonte: RAIS/MTE.

(*) Em número de trabalhadores.

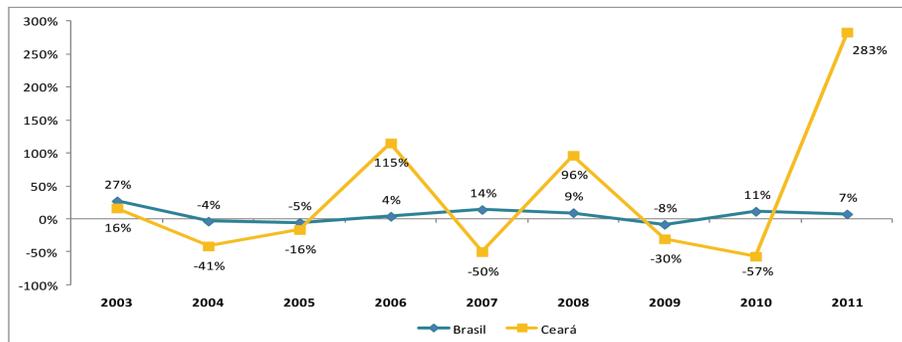
Considerando o Valor Bruto da Produção, um dos principais resultados a serem observados na produção agrícola, observa-se um crescimento de 75,7%, como consequência do bom desempenho da agropecuária, ressaltando que a base de comparação (ano anterior) é baixa. Ainda assim, o valor alcançado foi expressivo atingindo R\$ 2,6 bilhões, em valores correntes de 2011. A produção de grãos foi responsável 42,0% desse valor, enquanto a produção de frutas representou 40% e os demais produtos, 18,0%.

4.1 Produção de Grãos

No Nordeste, onde as irregularidades dos episódios climáticos são mais evidentes, o desempenho da agricultura responde com volatilidade, resultando em uma condição de alta vulnerabilidade, principalmente para aqueles que desenvolvem a produção de sequeiro. De fato, a produção de grãos, que tem predominância da agricultura de sequeiro, apresenta fortes oscilações, conforme pode ser observado no gráfico 18 que mostra a variação da produção de grãos no Ceará e no Brasil.

O gráfico também permite visualizar que os elevados percentuais de crescimento normalmente ocorrem após um ano de retração, ou seja, as elevadas taxas de crescimento ocorrem em função de uma base de comparação reduzida. No entanto, alguns períodos chamam atenção pela ocorrência de perdas sucessivas, como no caso de 2004 e 2005, e 2009 e 2010. Cabe ressaltar que as perdas em 2009 tiveram as chuvas excessivas como causa, enquanto em 2010 ocorreu seca.

Gráfico 18 – Variações (%) da Produção de Grãos - Brasil e Ceará - 2003 a 2011



Fonte: IBGE.

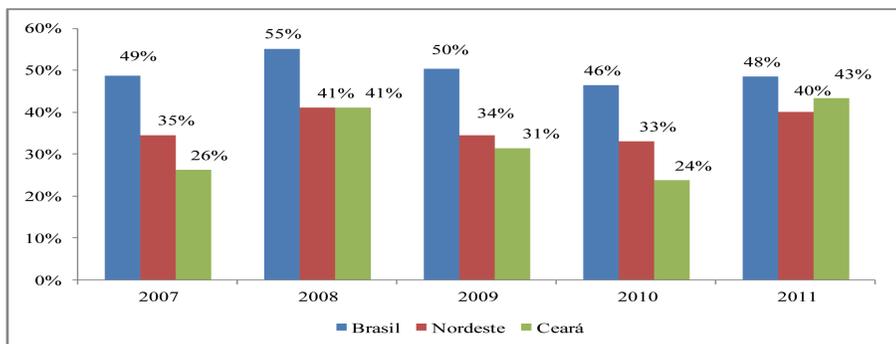
No comportamento da produção de grãos no Brasil nota-se uma maior estabilidade, com destaque para o ano de 2003 que apresentou crescimento de 27,1% na produção de grãos. Entre 2007 e 2011 estabeleceram-se recordes quase que sucessivos na produção nacional de grãos motivados diretamente por ganhos de produtividade. De fato, neste período, o crescimento da quantidade produzida foi de 19,5%, com uma expansão de 7,2% na área colhida.

Apesar das instabilidades, o Nordeste tem apresentado uma tendência de crescimento na participação da produção de grãos do País. Em 2011, dada as boas condições climáticas, a região participou com 9,4% da produção brasileira, sendo que a Bahia foi responsável por 50,1% da produção do Nordeste, enquanto que o Ceará participou com 8,5%.

Quanto à participação do valor da produção de grãos em relação ao valor da produção total observa-se que, para o Brasil, (ela que) ela tem se mantido no mesmo patamar entre 2007 e 2011, enquanto que para o Nordeste e para o Ceará a tendência é de crescimento, com o Ceará mostrando um crescimento ainda mais acentuado, conforme pode ser visto no gráfico 19.

Tal comportamento aponta para uma situação de vulnerabilidade visto que a produção de grãos, principalmente no Ceará, depende da regularidade climática. Neste quadro, boa parte da produção agrícola no Estado encontra-se em elevado grau de risco.

Gráfico 19 – Participação (%) do Valor da Produção de Grãos no Valor da Produção Total - Brasil, Nordeste e Ceará - 2007 a 2011



Fonte: IBGE.

4.1.2 Produção de Milho

O milho é um dos principais itens da produção agrícola cearense, tanto em relação ao volume quanto ao valor produzido, sendo que, dentre os grãos se destaca em relação ao volume produzido, com uma participação média de 63,6%. Em termos de valor da produção, a participação do milho fica atrás apenas do feijão, considerando a média entre 2007 e 2011. A produção de milho no Ceará em 2011 foi de 915,3 mil toneladas, gerando R\$ 519,2 milhões.

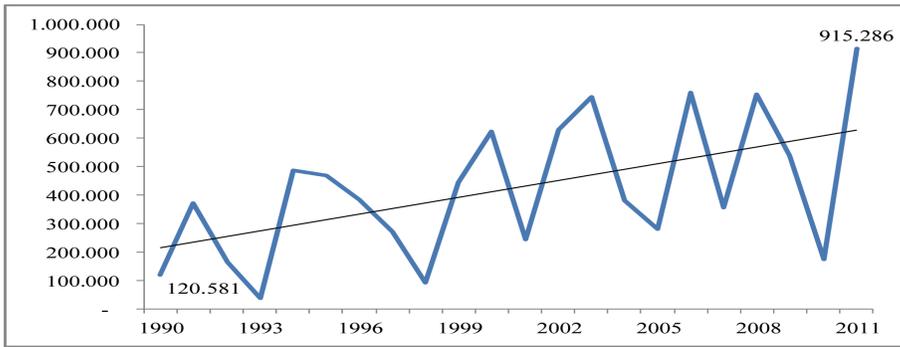
O Ceará, em 2011, teve participação de 18,2% na produção de milho do Nordeste, apresentando uma tendência de crescimento, no entanto, com a seca de 2010 houve uma brusca queda dessa participação, sendo reduzida de 11,2% em 2009 para 4,2% no ano seguinte. Verifica-se algo similar em Pernambuco, que passou de 4,0% para 1,7%, Paraíba, passando de 2,1% para 0,3%, e Rio Grande do Norte, que saiu de 0,9% para 0,2% nos mesmos anos.

Conseqüentemente, outros ganharam representatividade, como ocorreu na Bahia, passando de 45,0% para 53,7%, em Sergipe, que saiu de 14,7% para 18,1%, e Maranhão, 10,9% para 12,9%, enquanto o Piauí mostrou pequena redução, passando de 10,3% para 8,3%. Isso indica que alguns estados, incluindo o Ceará, sofreram maior impacto das estiagens e, ainda, que a produção irrigada é mais forte em outros estados.

Entretanto, em anos climatológicos favoráveis, como ocorreu em 2011, os mesmos estados que perderam participação imediatamente voltaram

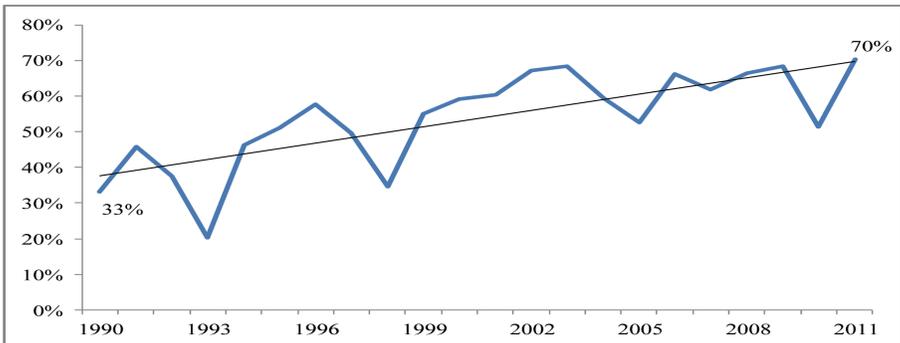
aos patamares anteriores, e até mesmo ampliam sua representação na produção. Relaciona-se esse comportamento ao fato de o milho ser uma importante cultura de subsistência para a agricultura familiar, cultivado por praticamente todos os agricultores. Portanto, grande parcela da produção é oriunda desses pequenos produtores, que são inviabilizadas em anos de seca. Ainda assim, a produção de milho no Ceará apresenta tendência de crescimento, como mostra a linha de tendência que pode ser observada nos gráficos 20 e 21.

Gráfico 20 – Produção de Milho (*) – Ceará - 1990 a 2011



Fonte: IBGE. (*) Em toneladas.

Gráfico 21 – Participação (%) da Produção de Milho na Produção de Grãos Cearense - 1990 a 2011



Fonte: IBGE. (*) Em toneladas.

Dentre os municípios cearenses, Mauriti continua sendo o principal produtor de milho, apesar de ter perdido participação na produção total do Estado na comparação dos anos de 2007 e 2011, saindo de 15,4% para 5,1%. Tal desempenho reflete muito mais o comportamento dos demais municípios, confirmando que em anos de boas condições

climatológicas todos os municípios apresentam crescimento da produção, reduzindo o peso relativo dos municípios tradicionais na produção. Considerando a média da produção no período de 2007 a 2011, além de Mauriti, os principais municípios produtores são Brejo Santo, Tauá, Pedra Branca e Crateús. Além desses, os municípios de Independência, Novo Oriente e Quixeramobim tem apresentado crescimento relevante na produção de milho.

No que diz respeito à produtividade, a exemplo dos anos anteriores, Limoeiro do Norte apresentou o melhor resultado em 2011, com 4,35 toneladas/ha. Em seguida figuram os municípios de Porteiras e Brejo Santo, com 3,4 e 3,2 toneladas/ha, respectivamente. Com produtividades entre 2,0 toneladas/ha e 3,0 toneladas/ha ficaram os municípios de Santana do Cariri, Jardim, Farias Brito, Ararendá, Altaneira, Abaiara, Araripe, Potengi, Jaguaruana, Mauriti e Crato.

A produtividade de Limoeiro do Norte em 2011 foi aproximadamente 50,0% superior a de 2010, o que demonstra a diferença do padrão climatológico entre tais anos. Como sugere o desempenho de Limoeiro do Norte, tal diferença pode também ser observado nas menores produtividades. De fato, em 2010 a menor produtividade pertenceu aos municípios de Irauçuba e Novo Oriente com 10 quilos/ha, enquanto em 2011 a menores produtividades foram registradas pelos municípios de São Gonçalo do Amarante e Paracuru, com 450 quilos/ha, uma quantidade bem superior.

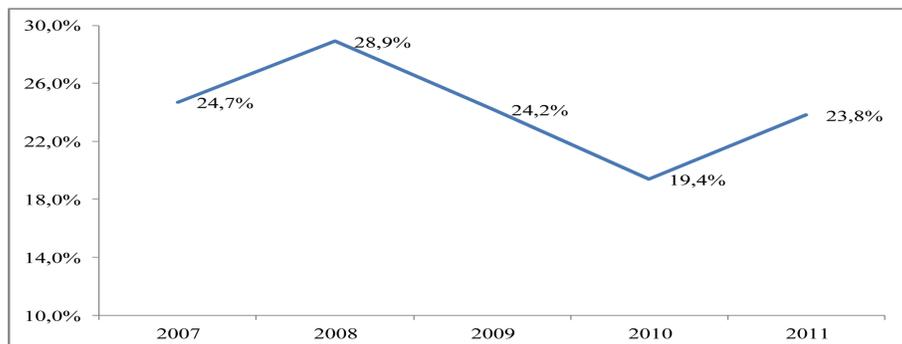
4.1.3 Produção de Feijão

Em 2011 a produção de feijão do Ceará foi de 264,2 mil toneladas, elevando sua participação no Nordeste, para 32,3% frente aos 13,6% observados em 2010. Com isso, o Ceará ultrapassou a Bahia, que passou a ocupar a segunda posição com participação de 27,3%, enquanto em 2010 sua participação havia sido 51,6%. A participação do feijão na produção de grãos do Ceará, em 2011, foi de 20,3% em termos de volume e 19,1% em valor, participação inferior apenas a do milho. No entanto, conforme ressaltado anteriormente, na média dos anos de 2007 a 2011, o feijão tem a maior participação em relação ao valor da produção.

Como reflexo das condições climáticas no Nordeste, e conseqüentemente do crescimento da produção, a participação do Nordeste na produção de feijão do Brasil passou de 19,4% em 2010 para 23,8% em 2011,

no entanto, esta participação já foi maior em anos recentes, como observado em 2008 com uma participação de 28,9%, conforme gráfico 22.

Gráfico 22 – Participação (%) da Produção de Feijão do Nordeste na Produção do Brasil - 2007 a 2011



Fonte: IBGE. (*) Em toneladas.

A produção de feijão do Ceará em 2011 configurou-se na segunda maior produção desde 1990, não conseguindo superar apenas a marca de 1994, quando se produziu 292,8 mil toneladas. Mesmo com o crescimento de 217,2% na produção de feijão, sua participação na produção de grãos reduziu, dado o maior crescimento da produção de milho.

As maiores produções de feijão no Ceará ocorreram nos municípios de Morada Nova, Crateús, Santa Quitéria, Canindé, Pedra Branca, Tauá e Novo Oriente, que juntos representam 16,6% da produção do Estado. Ressalta-se, no entanto, que os municípios com maior produção diferem dos municípios com maior produtividade, como também dos maiores valores da produção, visto que o município que obteve o maior valor da produção foi Boa Viagem.

Os municípios com as maiores produtividades na produção de feijão em 2011 foram Limoeiro do Norte, 1,0 tonelada/ha, Abaiara, 0,76 tonelada/ha, Porteirias, 0,75 tonelada/ha, Brejo Santo, 0,74 tonelada/ha, Jardim, 0,73 tonelada/ha, Aurora, 0,72 tonelada/ha, Banabuiú, 0,71 tonelada/ha, Ibareta, 0,70 tonelada/ha, Quixeré, 0,69 tonelada/ha, e São João do Jaguaribe, 0,68 tonelada/ha. Assim, a maior produtividade observada em 2011 foi 13,5% superior à maior produtividade registrada em 2010 e 55,7% maior que a de 2007.

Entretanto, Limoeiro do Norte foi apenas o 34º em produção e o 23º em valor da produção, enquanto Abaiara, segundo em produtividade, obteve a 137ª posição na produção e 143ª no valor da produção.

A diferença observada entre os municípios que são os maiores produtores e aqueles que se destacam no valor da produção chama atenção para aspectos importantes da produção agrícola, que são a formação dos preços e as condições de comercialização. No quadro delineado pelos resultados apresentados, estudos que avaliem tais pontos em maior profundidade ganham importância e deveriam integrar a agenda das instituições que tratam do tema.

4.1.4 Produção de Arroz

A produção de arroz no Ceará foi de 93,5 mil toneladas em 2011, o que representou um crescimento de 46,3% em relação a 2010 e um incremento de aproximadamente 1 ponto percentual na participação cearense na produção do Nordeste, passando de 7,2% para 8,0% e ocupando o terceiro lugar entre os maiores produtores. O Maranhão é o maior produtor de arroz do Nordeste e em 2011 sua produção representou 60,7% do total produzido na região, seguido pelo Piauí com 23%.

Apesar do crescimento da produção, o arroz também perdeu participação na produção de grãos do Ceará, em função do crescimento maior da produção de milho. Em 2011 o arroz representou 7,2% da produção de grãos do Ceará. Neste ano, o município com maior produção foi Morada Nova, com 13,9 mil toneladas, representando 14,8% da produção de arroz do Estado. Os outros municípios que se destacaram na produção de arroz foram Iguatu, Limoeiro do Norte, Jaguaruana e Quixelô, os quais juntamente com Morada Nova representaram 54,3% da produção. No entanto, em relação à produtividade os municípios que obtiveram os melhores desempenhos, nesse mesmo ano, foram Limoeiro do Norte, Quixeré, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte, todos com 6,4 toneladas/ha, enquanto Morada Nova vem em seguida com 6,3 toneladas/ha.

Apesar de 2011 ter sido bem mais favorável para a produção agrícola, quando comparado com 2010, a maior produtividade observada ainda foi 1,5% inferior, o que deve estar relacionado à produção irrigada.

4.1.5 Demais Grãos

Registrou-se aumento na produção de praticamente todos os outros grãos que tem importância na produção agrícola, com exceção do sorgo. Destacam-se os crescimentos na produção de mamona, 206,2%, fava, 186,8%, e algodão herbáceo, 56,5%. Entretanto, com o forte aumento dos principais grãos, esses perderam participação na produção de grãos. Na tabela 12, pode-se perceber a dinâmica da produção de grãos entre 2007 e 2011, como também a importância de cada item.

Tabela 12 – Produção de Grãos (*) – Ceará - 2007 a 2011

| Produtos | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|------------------|----------------|------------------|----------------|----------------|------------------|
| Algodão arbóreo | 95 | 29 | 53 | 12 | 40 |
| Algodão herbáceo | 4.639 | 4.869 | 3.898 | 2.196 | 3.436 |
| Amendoim | 491 | 1.150 | 1.132 | 378 | 2.719 |
| Arroz | 71.541 | 97.769 | 93.388 | 63.868 | 93.460 |
| Fava | 1.771 | 2.143 | 2.457 | 917 | 2.630 |
| Feijão | 129.512 | 252.741 | 129.827 | 83.286 | 264.205 |
| Girassol | - | 402 | 1.266 | 838 | 1.131 |
| Mamona | 1.415 | 8.036 | 7.937 | 4.942 | 15.131 |
| Milho | 357.342 | 752.882 | 538.962 | 174.955 | 915.286 |
| Soja | 1.086 | 1.665 | 3.315 | 3.417 | - |
| Sorgo | 10.058 | 11.457 | 7.068 | 5.544 | 4.895 |
| Total | 577.950 | 1.133.143 | 789.303 | 340.353 | 1.302.933 |

Fonte: IBGE.

(*) Em toneladas.

4.2 Fruticultura

A produção de frutas no Ceará, em toneladas, apresentou crescimento de 28,1% no período de 2007 a 2011, sendo que entre 2010 e 2011 o crescimento foi de 14,2%, o que aumentou a participação do Estado na produção de frutas do Nordeste em dois pontos percentuais, passando de 10,1% em 2007 para 12,1% em 2011. Destaca-se a participação do Ceará na produção regional de castanha de caju, 49,2%, abacate, 44,2%, melão, 30,6%, maracujá, 26,9%, e banana, 17,3%, além do coco da baía, medido em mil frutos, com 20,0% de participação. Dentre esses, apenas a castanha de caju, passando de 38,7% para 49,2%, coco da baía, de 17,0% para 20,0%, e banana, de 13,5% para 17,3%, apresentaram crescimento na participação da produção da região.

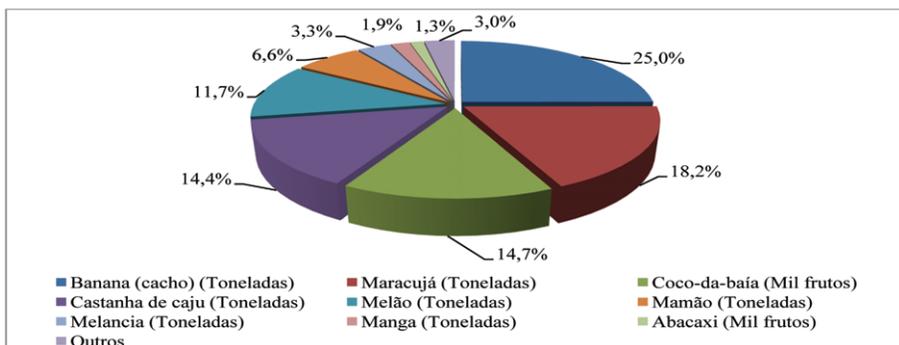
Entre 2007 e 2011 constatou-se um crescimento de 109,1% da produção de castanha de caju no Ceará, enquanto que no Nordeste o crescimento foi de 64,4% no mesmo período. Por outro lado, a produção de abacaxi, mensurada em mil frutos, apresentou uma significativa redução em relação à produção do Nordeste, passando de 11,1% em 2007 para 1,8% em 2011.

Assim, a castanha de caju foi o item da fruticultura que apresentou o maior crescimento da produção no período, seguida pela goiaba, com incremento de 81,8%, maracujá, 55,7%, melancia, 43,3%, e mamão, 41,5%. Os principais produtos que apresentaram redução na produção foram abacaxi, 86,8%, uva, 25,7%, melão, 17,3%, e abacate, 15,3%.

Percebe-se que, diferentemente da produção de grãos, em 2011 as condições climáticas não propiciaram os maiores volumes de produção, visto que para os produtos irrigados a ocorrência de chuvas não é determinante, podendo ainda reduzir a quantidade produzida. Portanto, as frutas que ainda têm uma parcela importante da produção do tipo sequeiro, como a própria castanha de caju e da banana, obtiveram bom desempenho.

Em termos de valor da produção, a banana apresenta a maior participação no total das frutas, com 25,0%, seguida pelo maracujá, com 18,2%, coco da baía, castanha de caju, 14,4%, e melão, 11,7%. Conforme pode ser observado no gráfico 23, apesar da importância da castanha de caju, outros itens como banana, maracujá e coco da baía apresentam maior valor da produção.

Gráfico 23 – Participação (%) dos Principais Itens no Valor da Produção da Fruticultura – Ceará - 2011



Fonte: IBGE.

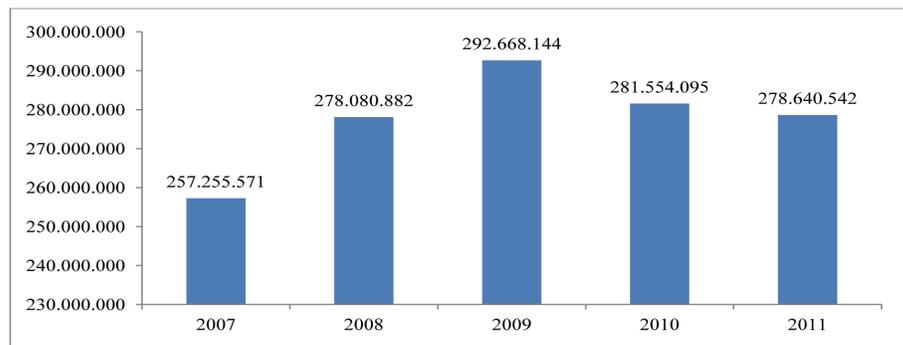
O Ceará se destaca nas exportações de frutas, sendo o principal

Estado exportador no período de 2007 a 2011. Nesse último ano, as exportações desse grupo de produtos chegaram a US\$ 278,6 milhões, o que corresponde a 31,0% das exportações de frutas do País. Na segunda colocação vem Pernambuco, com 16,5%, seguido de perto pela Bahia, com 15,4%, e Rio Grande do Norte, com 15,1%. Como resultado, em 2011, a Região Nordeste concentrou 78,6% das exportações de frutas do Brasil.

Os principais itens da fruticultura exportados pelo Ceará em 2011 foram a castanha de caju, com 63,2%, e melões frescos, com 27,4%. Em Pernambuco as principais frutas exportadas foram uvas, que em 2011 representou 68,3% das exportações de frutas do Estado, e mangas, com participação de 30,3%, representando quase a totalidade das exportações das frutas do Estado. Na Bahia, em 2007, o principal item da fruticultura exportado foi a uva, a partir de então a manga assumiu a primeira posição desse grupo de exportações, devendo se ressaltar o crescimento das vendas externas de limões, o qual ocupou a terceira posição em 2011. Por fim, no Rio Grande do Norte os principais itens exportados são melões e castanha de caju, sendo que nos últimos dois anos esse último vem superando o primeiro em termos de valor exportado.

A crise econômica mundial em 2008 afetou as exportações totais de frutas do País, como se percebe com a redução dessas exportações em 2009 com uma recuperação gradativa nos anos seguintes. No entanto, no Ceará observou-se comportamento diferente, visto que em 2009 registrou um crescimento das exportações de frutas com uma redução nos anos seguintes, conforme pode ser visualizado no gráfico 24.

Gráfico 24 – Exportações de Frutas (*) – Ceará - 2007 a 2011



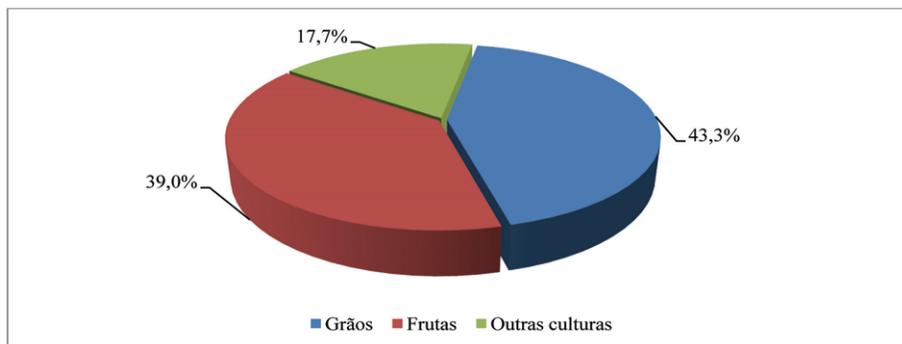
Fonte: MDIC. (*) Valores em US\$ 1,00.

4.3 Outras Culturas

Algumas culturas, que não pertencem aos grupos dos grãos e da fruticultura, também apresentaram importância na produção agrícola do Ceará em 2011. Destaca-se a mandioca, cujo valor da produção participou com 6,9% do valor da produção agrícola total, como também o tomate, que participou com 5,1% e a cana de açúcar, com 4,6%. Todos esses produtos apresentaram redução na participação do valor da produção em 2011, o que está relacionado com o crescimento da produção de grãos que reduziu a participação relativa das demais culturas. Ainda assim, a produção de tomate representou 18,4% da produção do Nordeste, a produção de mandioca no Ceará participou com 10,6%, e a cana de açúcar com apenas 3,0% da produção regional.

A produção de mandioca em 2011 apresentou crescimento significativo de 34,7% em relação a 2010, no entanto, no período de 2007 a 2011 o crescimento foi menor, 11,6%. O tomate manteve a produção estável entre 2010 e 2011, já entre 2007 e 2011 a produção aumentou 17,8%. Assim, o valor da produção agrícola total, em 2011, alcançou R\$ 2,56 bilhões, com a uma participação de 43,3% da produção de grãos, 39,0% da produção de frutas e 17,7% de outras culturas, conforme gráfico 25.

Gráfico 25 – Participação (%) dos Grupos de Produtos no Valor da Produção Agrícola Total – Ceará - 2011



Fonte: IBGE.

4.4 Pecuária

Dentre os rebanhos mais significativos da pecuária cearense, destaca-se o crescimento de 2,6% no efetivo bovino entre 2010 e 2011, acumulando um crescimento acumulado de 7,7% entre 2007 e 2011. Observa-se, também, crescimento nos rebanhos ovino e caprino, respectivamente

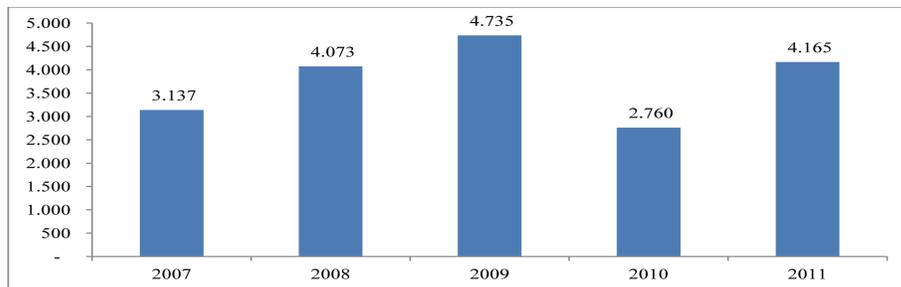
de 2,1% e 2,0% em 2011 em relação ao ano anterior, acumulando crescimentos de 7,2% e 7,0% entre 2007 e 2011. Quanto aos rebanhos suíno e de aves, respectivamente, apresentaram crescimentos de 2,2% e 1,3% entre os dois últimos anos da série, com incremento acumulado de 5,4% e 7,0% entre 2007 e 2011, respectivamente. Considerando esse período, praticamente todos os rebanhos apresentam tendência de crescimento.

Por outro lado, o abate bovino em 2011 apresentou redução de 5,2%, com um acumulado negativo de 7,2% entre 2007 e 2011. Nesse período, o abate de suínos reduziu 2,4%, com praticamente 129 mil cabeças abatidas em 2011. O abate de frangos se destaca com um crescimento de 35,4% somente entre 2010 e 2011 e um acumulado de 248,2% entre 2007 e 2011. Já a produção de ovos de galinha, por sua vez, apresentou crescimento de 4,6% entre 2010 e 2011 e 18,8% entre 2007 e 2011.

A produção de leite no Ceará vem crescendo constantemente, tendo um incremento de 4,6% entre 2010 e 2011, e um crescimento acumulado de 11,6% entre 2007 e 2011. Nesse período, o volume de leite adquirido e industrializado apresentou crescimento ainda mais significativo, com 66,2% e 65,6%, respectivamente. Isso indica uma maior formalização do leite comercializado, passando pela indústria.

Surpreende o crescimento da produção de mel em 2011 em relação ao ano anterior, com uma taxa de 51,0%, o que está relacionado à disponibilidade de pasto apícola, dadas as boas condições climáticas apresentadas. Além disso, o ano 2010 apresentou uma forte redução da produção, transformando-se em uma base de comparação reduzida. Com isso, entre 2007 e 2011 o crescimento da produção de mel foi de 32,8%, conforme se observa no gráfico 26.

Gráfico 26 – Produção de Mel (*) – Ceará - 2007 a 2011



Fonte: IBGE. (*) Em Toneladas.

5. COMÉRCIO EXTERIOR

No ano de 2011 as exportações cearenses avançaram 22,2% quando comparado com o ano de 2007. Em termos absolutos, o valor total exportado pelo Estado em 2011 foi de US\$ 1,4 bilhão, enquanto que em 2007 registrou o valor de US\$ 1,1 bilhão. A Região Nordeste também apresentou alta nas vendas para o exterior, 43,9% quando se compara os anos de 2011 e 2007. Ainda no mesmo período, as exportações brasileiras registraram uma expansão de 59,4%. (Tabelas 13 e 14)

Quanto às importações cearenses, em 2007, alcançaram o valor de US\$ 1,4 bilhão, ao passo que em 2011, esse número quase que dobrou, atingindo o valor de US\$ 2,4 bilhões, um crescimento de 70,5% no período. As importações realizadas pela Região Nordeste seguiram a mesma trajetória, com crescimento de 104,9% no período em análise. No Brasil, o aumento das importações foi de 87,6%, passando de US\$ 120,6 bilhões em 2007 para US\$ 226,2 bilhões no ano de 2011. (Tabelas 13 e 14).

Tabela 13 – Balança Comercial CE/NE/BR – 2006 – 2010 *

| Descrição | 2007 | | | 2011 | | |
|-----------------------------|---------------|----------------|-----------------|---------------|----------------|-----------------|
| | CEARÁ | NORDESTE | BRASIL | CEARÁ | NORDESTE | BRASIL |
| Exportação | 1.148.357.273 | 13.086.243.050 | 160.649.072.830 | 1.403.295.759 | 18.830.331.459 | 256.039.574.768 |
| Importação | 1.407.866.147 | 11.776.553.649 | 120.617.446.250 | 2.400.713.462 | 24.135.185.415 | 226.242.744.214 |
| Saldo | -259.508.874 | 1.309.689.401 | 40.031.626.580 | -997.417.703 | -5.304.853.956 | 29.796.830.554 |
| Corrente do Comércio | 2.556.223.420 | 24.862.796.699 | 281.266.519.080 | 3.804.009.221 | 42.965.516.874 | 482.282.318.982 |

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1,000 FOB.

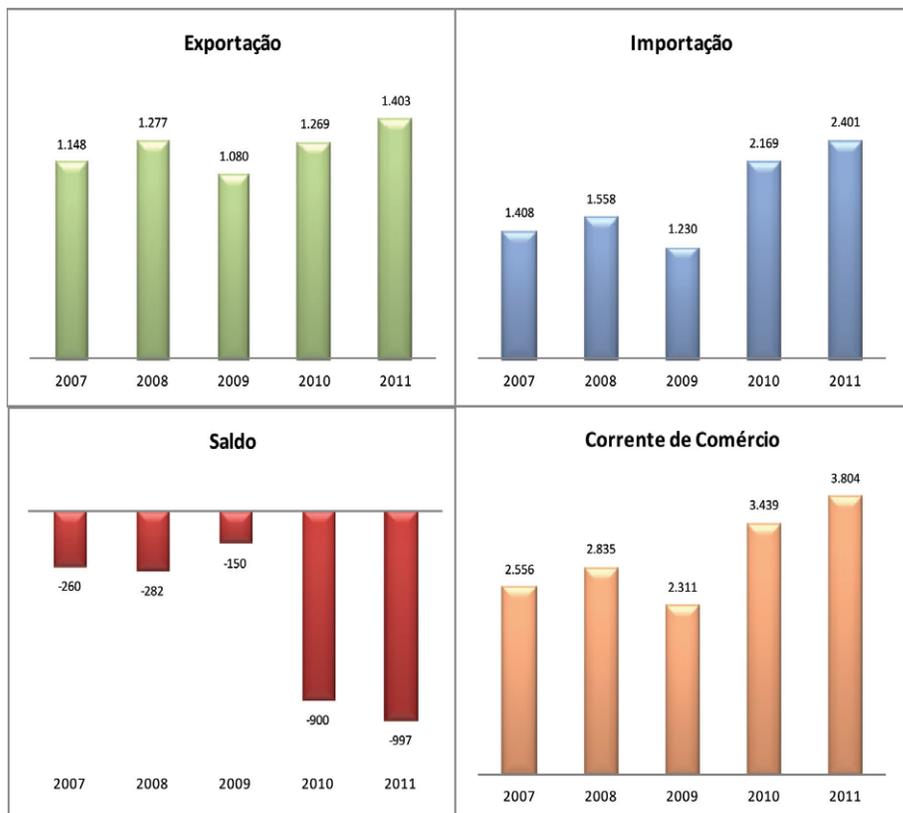
Tabela 14 – Taxa de Crescimento (%) da Balança Comercial e da Corrente de Comércio - Ceará, Nordeste e Brasil – 2007 – 2011

| Local | Exportação | Importação | Saldo | Corrente do comércio |
|-----------------|------------|------------|---------|----------------------|
| Ceará | 22,20 | 70,52 | 284,35 | 48,81 |
| Nordeste | 43,89 | 104,94 | -505,05 | 72,81 |
| Brasil | 59,38 | 87,57 | -25,57 | 71,47 |

Fonte: SECEX/MDIC.

O gráfico 27, a seguir, apresenta a evolução do comércio exterior do Ceará no período de 2007 a 2011. Verifica-se uma tendência crescente tanto das exportações quanto das importações, com destaque para o ano de 2011, que em termos absolutos, representou o ano de maior valor histórico transacionado pelo estado do Ceará com o mercado exterior.

Gráfico 27 – Comércio Exterior do Ceará – 2007 – 2011 (*)

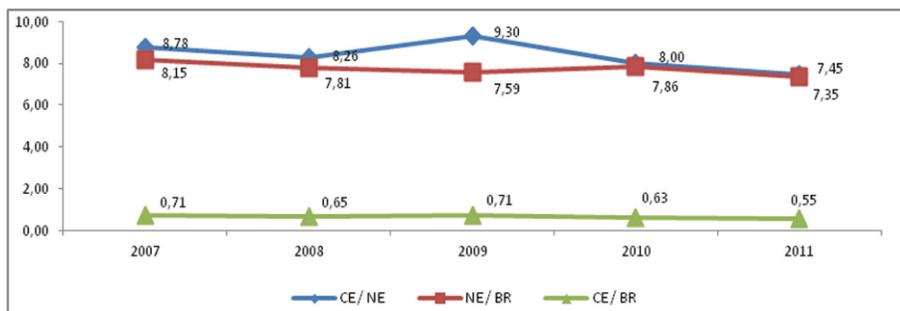


Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ milhões FOB.

Mesmo com o aumento dos valores apresentados pelo comércio exterior cearense, a participação das exportações do Estado na Região Nordeste ao longo do período analisado apresentou um recuo, passando de 8,8% em 2007 para 7,4% no ano de 2011. Essa queda percentual pode ser justificada pelo crescimento superior das exportações dos demais estados nordestinos comparados ao crescimento das exportações cearenses. Quando a comparação é feita com relação ao Brasil, as exportações cearenses passaram a representar 0,5% no ano de 2011 contra 0,7% no ano de 2007. Quando se compara Nordeste e Brasil, a participação das exportações regionais diminuiu entre 2007 (8,15%) e 2011 (7,35%). (Gráfico 28).

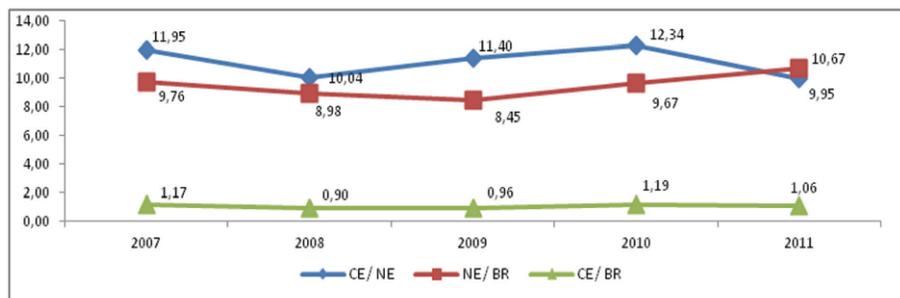
Gráfico 28 – Participação (%) das Exportações - Ceará, Nordeste e Brasil – 2007 – 2011



Fonte: SECEX/MDIC.

Observando as compras externas, as importações do Ceará possuem uma modesta participação nas importações brasileiras. Em 2007, o percentual foi de 1,2% e manteve-se próximo desse valor ao longo dos cinco anos em análise (gráfico 29). Quanto a participação regional, no ano de 2011 verificou-se uma queda, para 9,9%, na representatividade das importações cearenses dentro da Região Nordeste, interrompendo uma sequência de alta nas taxas. Na análise região e país, o Nordeste em 2011 foi responsável por 10,7% do total das importações realizadas pelo Brasil.

Gráfico 29 – Participação (%) das Importações - Ceará, Nordeste e Brasil – 2007 – 2011



Fonte: SECEX/MDIC.

5.1. Produtos

Considerando as vendas ao mercado externo, o grupo de calçados se destaca como principal entre os produtos exportados, tanto para o

ano de 2007 como para o ano de 2011, com participação em torno de 26,0%. Em seguida, tem-se o grupo de couros e peles que em 2007 apresentou uma participação de 12,6% e em 2011 de 13,2%. A castanha de caju, que aparece como o terceiro principal produto exportado, quando analisado por setores agregados, diminuiu sua participação de 15,7% para 12,5%, entre os anos de 2007 e 2011.

Em termos de variação, o grupo de combustíveis minerais (4.488,10%), o de produtos alimentícios (189,73%) e o de ceras vegetais (68,67%) foram os que mais cresceram quando se compara 2007 e 2011. Considerando os principais itens comercializados, os dez grupos de produtos com maior valor exportado pelo Ceará responderam em 2011 por quase 88,0% do total destinado ao exterior, demonstrando uma grande concentração na cesta de produtos exportados. (Tabela 15).

Tabela 15 – Principais Produtos Exportados pelo Ceará – 2007 – 2011

| Produtos Selecionados | 2007 (*) | Part. % | 2011 (*) | Part. % | Var. % |
|-------------------------------------|----------------------|---------------|----------------------|---------------|--------------|
| Calçados | 300.847.336 | 26,20 | 365.963.180 | 26,08 | 21,64 |
| Couros e Peles | 144.523.281 | 12,59 | 185.746.047 | 13,24 | 28,52 |
| Castanha de Caju | 180.002.478 | 15,67 | 176.049.720 | 12,55 | -2,20 |
| Frutas (Exclusive Castanha de Caju) | 77.253.093 | 6,73 | 102.590.822 | 7,31 | 32,80 |
| Têxteis | 131.826.380 | 11,48 | 86.936.455 | 6,20 | -34,05 |
| Combustíveis minerais | 1.818.516 | 0,16 | 83.435.347 | 5,95 | 4.488,10 |
| Produtos Alimentícios | 24.005.926 | 2,09 | 69.553.214 | 4,96 | 189,73 |
| Ceras vegetais | 34.513.937 | 3,01 | 58.215.910 | 4,15 | 68,67 |
| Produtos metalúrgicos | 64.142.282 | 5,59 | 51.201.472 | 3,65 | -20,18 |
| Lagostas | 33.113.914 | 2,88 | 50.109.672 | 3,57 | 51,33 |
| Demais produtos | 156.310.130 | 13,61 | 173.493.920 | 12,36 | 10,99 |
| Ceará | 1.148.357.273 | 100,00 | 1.403.295.759 | 100,00 | 22,20 |

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

No tocante às compras realizadas no exterior, o grupo de máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos foi o primeiro dentro da pauta dos produtos importados, no valor de US\$ 448,2 milhões no ano de 2011, com participação de 18,67%. No confronto de 2011 com 2007, as importações de produtos metalúrgicos feitas pelo Ceará aumentaram 96,6%, encerrando o ano de 2011 com valor de US\$ 427,6 milhões. Outro segmento muito importante na pauta de importação do

Estado é o grupo de combustível mineral, porém este registrou queda de 28,0% no ano de 2011 comparado com 2007.

Com relação à variação, também merecem destaque as importações de castanhas de caju e óleo de dendê com crescimento no período analisado. (Tabela 16).

Tabela 16 – Principais Produtos Importados pelo Ceará – 2007 – 2011

| Produtos Selecionados | 2007 (*) | Part. % | 2011 (*) | Part. % | Var. % |
|----------------------------------------------------------------------------------|----------------------|---------------|----------------------|---------------|--------------|
| Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos | 164.909.588 | 11,71 | 448.252.508 | 18,67 | 171,82 |
| Produtos Metalúrgicos | 217.468.263 | 15,45 | 427.589.917 | 17,81 | 96,62 |
| Combustível Mineral | 480.310.634 | 34,12 | 346.038.150 | 14,41 | -27,96 |
| Têxteis | 138.967.737 | 9,87 | 268.113.021 | 11,17 | 92,93 |
| Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura), e trigo com centeio | 160.264.667 | 11,38 | 260.417.035 | 10,85 | 62,49 |
| Produtos Químicos | 61.457.542 | 4,37 | 132.861.339 | 5,53 | 116,18 |
| Plásticos e suas obras | 29.987.054 | 2,13 | 63.789.579 | 2,66 | 112,72 |
| Óleo de dendê | 12.261.767 | 0,87 | 63.172.872 | 2,63 | 415,20 |
| Castanha de Caju | 56.150 | 0,00 | 57.393.442 | 2,39 | 102.114,50 |
| Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres e suas partes | 31.009.244 | 2,20 | 56.257.547 | 2,34 | 81,42 |
| Demais Produtos | 111.173.501 | 7,90 | 276.828.052 | 11,53 | 149,01 |
| Ceará | 1.407.866.147 | 100,00 | 2.400.713.462 | 100,00 | 70,52 |

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

5.2 Países

Nos anos de 2007 e 2011, os Estados Unidos continuaram sendo o principal destino para as exportações cearenses, respondendo por quase 30,0% do total exportado em ambos os períodos. Dentre os principais produtos vendidos para os EUA em 2011, destacam-se castanha de caju, óleos bruto de petróleo, lagosta e os calçados e suas partes. Outro destaque foi a China, que em 2007 se colocou como nono maior comprador dos produtos cearenses, passando a quinto maior parceiro em 2011, absorvendo 4,9% do total vendido para o mercado externo.

Em linhas gerais, não houve grandes mudanças nos principais destinos

das exportações do estado nesse período, permanecendo os Estados Unidos, Argentina, Reino Unido, e Holanda entre os cinco maiores compradores. Em conjunto, os dez principais destinos das exportações cearenses responderam por 72,1% do total exportado pelo Estado no ano de 2007, e por 70,0% no ano de 2011. (Tabela 17).

Tabela 17 – Principais Destinos das Exportações do Ceará – 2007 – 2011

| 2007 | | |
|--------------------------------|----------------------|------------|
| PAÍSES | US\$ (Fob) | PART. % |
| Estados Unidos | 320.202.148 | 27,88 |
| Argentina | 117.046.280 | 10,19 |
| Itália | 97.751.122 | 8,51 |
| Reino Unido | 71.277.147 | 6,21 |
| Países Baixos (Holanda) | 58.739.620 | 5,12 |
| Venezuela | 49.045.661 | 4,27 |
| México | 33.921.723 | 2,95 |
| Alemanha | 32.398.659 | 2,82 |
| China | 23.925.093 | 2,08 |
| Espanha | 23.833.930 | 2,08 |
| Demais Destinos | 320.215.890 | 27,88 |
| Ceará | 1.148.357.273 | 100 |
| 2011 | | |
| PAÍSES | US\$ (Fob) | PART. % |
| Estados Unidos | 393.637.501 | 28,05 |
| Argentina | 144.473.019 | 10,3 |
| Países Baixos (Holanda) | 90.016.761 | 6,41 |
| Reino Unido | 85.978.152 | 6,13 |
| China | 68.100.219 | 4,85 |
| Itália | 64.474.676 | 4,59 |
| Alemanha | 39.564.979 | 2,82 |
| Provisão de Navios e Aeronaves | 37.607.449 | 2,68 |
| Espanha | 31.699.973 | 2,26 |
| Santa Lucia | 26.525.919 | 1,89 |
| Demais Destinos | 421.217.111 | 30,02 |
| Ceará | 1.403.295.759 | 100 |

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

Com relação às importações, o país que mais vendeu para o Ceará em 2007, em termos de valores negociados, foi a Índia com US\$ 250,4 milhões, o que representa 17,8% do total importado pelo Estado. Dentre os principais itens comprados estão, principalmente, “gasóleo” (óleo diesel) e outros grupos eletrogeradores de energia eólica. China e Argentina ficaram em segundo e terceiro lugar, com US\$ 187,6 milhões e 154,3 milhões, respectivamente.

No ano de 2011, a Índia, em valores absolutos, caiu para o quinto lugar no ranking das principais origens das importações do Estado do Ceará, com uma participação de 4,1%. No mesmo período, destaque para os Estados Unidos, que atingiu o valor de US\$ 388,9 milhões, tornando-se o principal parceiro a fornecer mercadorias para o mercado interno cearense. Os principais produtos importados da economia norte americana foram o algodão, outras gasolinas e gás natural liquefeito. Em seguida, surge a China com o valor de US\$ 384,2 milhões de produtos vendidos e com uma participação de 16,0% do total importado pelo Estado. Os itens comprados foram principalmente laminados de ferro e outras partes e acessórios para motocicletas inclusive ciclomotores. A Argentina está no terceiro lugar do ranking de 2011, com uma participação de 11,67%, fornecendo em sua maior parte trigo, outros tipos de algodão e farinha de trigo. Em conjunto, os dez principais países origens das importações do Ceará no ano de 2007 responderam por 77,8%. Em 2011, esse percentual foi de 70,1%. (Tabela 18).

Tabela 18 – Principais Origens das Importações do Ceará – 2007 – 2011

| 2007 | | |
|---------------------------|----------------------|------------|
| PAÍSES | US\$ (Fob) | PART. % |
| 1 Índia | 250.397.109 | 17,79 |
| 2 China | 187.604.340 | 13,33 |
| 3 Argentina | 154.362.259 | 10,96 |
| 4 Estados Unidos | 118.447.558 | 8,41 |
| 5 Noruega | 77.204.261 | 5,48 |
| 6 Alemanha | 73.673.133 | 5,23 |
| 7 Países Baixos (Holanda) | 69.817.099 | 4,96 |
| 8 Federação da Rússia | 60.149.847 | 4,27 |
| 9 Suíça | 53.883.098 | 3,83 |
| 10 Canadá | 49.513.530 | 3,52 |
| Demais Origens | 312.813.913 | 22,22 |
| Total | 1.407.866.147 | 100 |
| 2011 | | |
| PAÍSES | US\$ (Fob) | PART. % |
| 1 Estados Unidos | 388.938.415 | 16,2 |
| 2 China | 384.197.225 | 16 |
| 3 Argentina | 280.276.810 | 11,67 |
| 4 Alemanha | 157.843.522 | 6,57 |
| 5 Índia | 97.669.556 | 4,07 |
| 6 Turquia | 93.333.602 | 3,89 |
| 7 Colômbia | 83.827.825 | 3,49 |
| 8 Reino Unido | 69.678.731 | 2,9 |
| 9 Itália | 66.656.445 | 2,78 |
| 10 Catar | 61.163.000 | 2,55 |
| Demais Origens | 717.128.331 | 29,87 |
| Total | 2.400.713.462 | 100 |

Fonte: SECEX/MDIC.

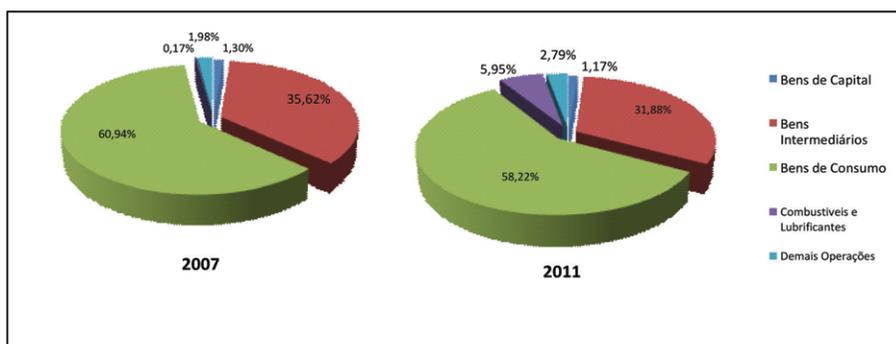
(*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

5.3 Setores de Contas Nacionais

Em 2007, as exportações de bens de consumo predominaram entre as vendas externas cearenses, com uma participação de 60,9%. Quando comparado com o ano de 2011, tem-se uma tímida redução de sua participação dentro dos setores de contas nacionais, passando a ser de 58,2%.

As exportações de bens intermediários também reduziram sua participação no período analisado, passando de 35,6% no ano de 2007 para 31,9% em 2011. Os bens de capital apresentaram, ao longo do período, uma pequena participação na pauta de produtos exportados. Em 2011, esse percentual chegou a 2,8%. (Gráfico 30).

Gráfico 30 – Exportações por Setores de Contas Nacionais – Participação (%) - Ceará– 2007 - 2011

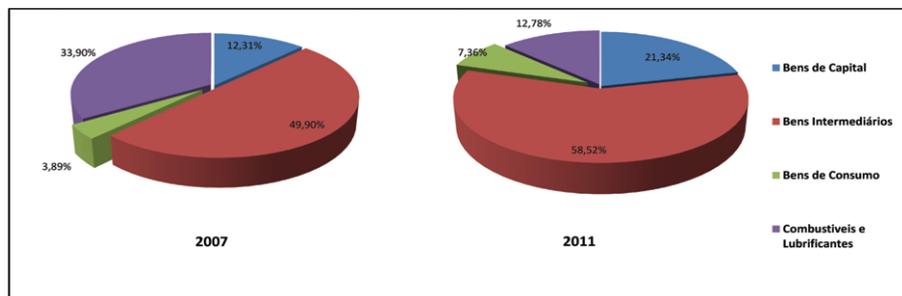


Fonte: IBGE.

Ainda considerando os setores de contas nacionais, agora no tocante a importação, as compras externas do Ceará estiveram concentradas em bens intermediários. De fato, tanto no ano de 2007 como em 2011, estes itens responderam por mais da metade do valor total importado. Em termos percentuais, tem-se em 2007, uma participação de 49,9% nas importações cearenses, e de 58,5 em 2011%.

A mudança da estrutura da pauta ocorreu na inversão de participação do setor de bens de capital e combustíveis e lubrificantes. Em 2007, a importação de combustíveis e lubrificantes correspondia a 33,9%, e em 2011 essa participação caiu para 12,8%. No mesmo período, a importação de bens de capital, que era de apenas 12,3% em 2007, passou para 21,3% em 2011. (Gráfico 31).

Gráfico 31 – Importações por Setores de Contas Nacionais – Participação (%) - Ceará– 2007 – 2011



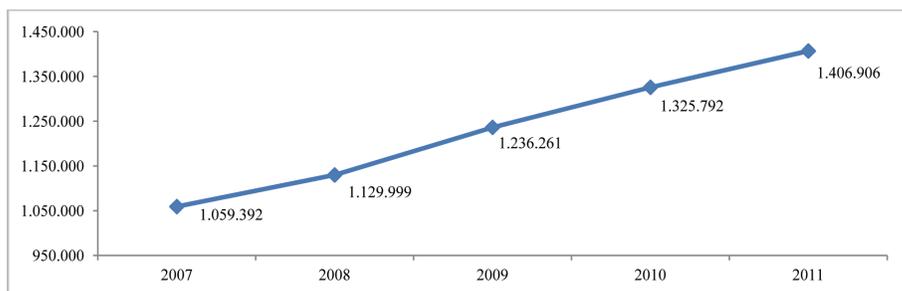
Fonte: IBGE.

6. MERCADO DE TRABALHO

6.1 Emprego Formal

De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, o estoque de pessoas empregadas com qualquer tipo de vínculo formal de trabalho no Estado do Ceará, no ano de 2011, totalizou 1.406.906 pessoas, representando um aumento de 6,1% sobre o estoque de empregados de 2010. No período de 2007 a 2011 o crescimento acumulado foi de 32,8%. (Gráfico 32).

Gráfico 32 – Evolução do Estoque de Empregos Formais – Ceará – 2007 a 2011

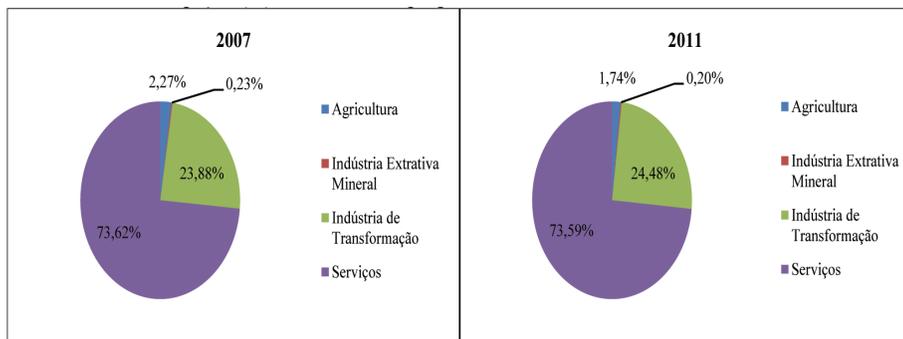


Fonte: RAIS/MTE.

O setor de Serviços ainda mantém a posição de destaque por concentrar a maior parte da força de trabalho formal cearense, com participação de 73,6% do total no ano de 2011, seguida pela Indústria

de Transformação (24,5%); Agricultura e Pecuária (1,7%); e Indústria Extrativa Mineral (0,2%). Esta distribuição do emprego formal reflete, de certo modo, a participação do de cada setor PIB cearense. (Gráfico 33).

Gráfico 33 – Participação (%) Setorial do Emprego Formal – Ceará – 2007 e 2011



Fonte: RAIS/MTE.

Entre os anos de 2010 e 2011, o setor da Agricultura registrou forte recuperação na geração de novos postos de trabalho, tendo registrado alta de 9,7%. Todavia, no acumulado de cinco anos, esse setor registrou um incremento no seu contingente de empregados formais de apenas 1,6%. (Tabela 19).

A Indústria de Transformação, dentre os grupos de setores analisados, foi o que registrou a menor alta, apenas 0,2% na comparação 2010 e 2011. No entanto, no acumulado dos últimos cinco anos, registrou variação relevante no estoque de trabalhadores formais, uma alta de 21,0%. Enquanto isso, o setor de Serviços registrou alta de 7,1% na comparação dos anos de 2010 e 2011 e 32,7% na comparação com 2007. (Tabela 19).

Tabela 19 – Evolução do Emprego Formal – Ceará – 2007 a 2011

| Atividades | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| Agricultura | 24.076 | 25.510 | 24.433 | 22.280 | 24.453 |
| Indústria Extrativa Mineral | 2.448 | 2.600 | 2.713 | 2.654 | 2.812 |
| Indústria de Transformação | 208.149 | 215.542 | 236.851 | 251.357 | 251.767 |
| Indústria Têxtil | 58.046 | 62.706 | 65.969 | 71.006 | 69.299 |
| Indústria Calçados | 52.962 | 49.832 | 62.365 | 63.562 | 61.843 |
| Alimentos e Bebidas | 39.168 | 40.782 | 43.415 | 42.331 | 45.115 |
| Indústria Metalúrgica | 10.286 | 11.395 | 12.774 | 14.425 | 14.068 |
| Indústria Química | 10.815 | 11.498 | 12.061 | 13.090 | 12.495 |
| Produtos Mineral Não Metálico | 9.323 | 9.976 | 10.324 | 12.041 | 13.273 |
| Papel e Gráfica | 6.682 | 7.004 | 7.656 | 8.359 | 8.715 |
| Madeira e Mobiliário | 6.261 | 6.614 | 6.918 | 8.066 | 8.512 |
| Borracha, Fumo, Couros | 6.614 | 6.626 | 6.392 | 7.706 | 7.389 |
| Indústria Mecânica | 3.981 | 3.831 | 3.876 | 4.683 | 4.840 |
| Material de Transporte | 2.505 | 3.000 | 3.125 | 4.193 | 4.109 |
| Elétrico e Comunicação | 1.506 | 2.278 | 1.976 | 1.895 | 2.109 |
| Serviços Industriais Utilidade Pública | 6.776 | 6.518 | 6.874 | 7.187 | 7.603 |
| Construção Civil | 38.020 | 45.715 | 58.435 | 75.973 | 84.994 |
| Serviços | 779.923 | 834.114 | 906.955 | 966.341 | 1.035.277 |
| Comércio Varejista | 132.363 | 143.910 | 156.843 | 178.655 | 194.584 |
| Comércio Atacadista | 23.149 | 25.977 | 28.679 | 30.893 | 36.171 |
| Instituição Financeira | 13.577 | 15.010 | 15.176 | 16.123 | 17.794 |
| Administração Técnica Profissional | 85.168 | 96.530 | 110.354 | 125.012 | 147.108 |
| Transporte e Comunicações | 35.386 | 36.171 | 37.852 | 39.867 | 45.489 |
| Alojamento e Alimentação | 88.773 | 89.639 | 94.725 | 112.492 | 105.392 |
| Médicos Odontológicos e Veterinários | 25.620 | 28.803 | 32.489 | 29.615 | 34.713 |
| Ensino | 36.839 | 41.835 | 44.363 | 45.987 | 50.849 |
| Administração Pública | 339.048 | 356.239 | 386.474 | 387.697 | 403.177 |
| Total | 1.059.392 | 1.129.999 | 1.236.261 | 1.325.792 | 1.406.906 |

Fonte:RAIS/MTE.

Em termos absolutos, o setor de Serviços foi o que registrou maior incremento na força de trabalho na comparação dos anos de 2010 e 2011, com aumento de 68.936 vagas entre os dois anos. Já a Indústria de transformação gerou 9.847 vagas, e a Agricultura, 2.173 vagas no mesmo período.

Dentro do setor da Indústria de transformação, alguns segmentos registraram elevadas perdas de postos formais de trabalho, a exemplo da indústria têxtil e da indústria calçadista, fruto da instabilidades que afetam toda atividade industrial no Estado. Por outro lado, a indústria de alimentos aumentou o contingente de empregados em 2.784 vagas entre os anos de 2010 e 2011.

Os resultados alcançados pelo setor de alimentos parece reflexo das políticas de incentivo ao consumo adotadas pelo governo federal, principalmente aquelas ligadas as camadas mais pobres da população por meio dos programas de combate a fome, a exemplo do Programa Brasil sem Miséria e Brasil Carinhoso, bem com a melhoria de renda das classes mais baixas da população.

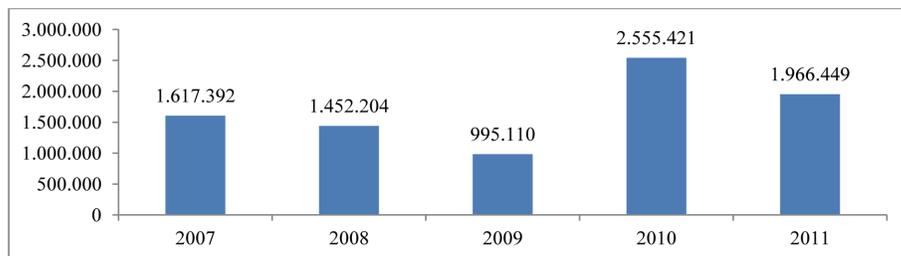
6.2 Emprego Formal com Carteira Assinada

Após analisar o comportamento do total de pessoas ocupadas em todo o mercado de trabalho formal cearense fez-se um corte para se examinar apenas a evolução do contingente de trabalhadores com carteira de trabalho assinada. Para isso foi utilizado a base de dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego⁶. Uma vantagem deste recorte é retirar da análise o contingente de servidores públicos estatutários e permitir uma melhor observação das alterações mais ligadas ao mercado privado.

Neste ambiente, o ano de 2011 registrou um total de 1.966.449 novos postos de trabalho na economia brasileira, quantidade inferior ao registrado em 2010. Todos os estados registraram saldos positivos na geração de novos postos de trabalho no ano de 2011, com os três melhores desempenhos ficando por conta dos Estados de São Paulo (555.631 vagas); Minas Gerais (208.194 vagas); e Rio de Janeiro (204.057 vagas). (Gráfico 34 e Tabela 20).

⁶ Alguns esclarecimentos sobre as bases de dados para emprego do Ministério do Trabalho (MTE), a saber, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED): a) RAIS e CAGED são cadastros administrativos distintos, mas complementares; b) o Caged considera apenas o universo celetista, enquanto que a Rais é mais abrangente; c) os resultados anuais para o estoque de empregados da RAIS e do CAGED podem ser distintos, o que se deve, dentre outros motivos, ao tipo de informação observada, ao grau de cobertura dos empregadores, e ao repasse das informações ao ministério nos prazos estabelecidos; e d) anualmente, os estoques são ajustados, com o resultado sendo disponibilizado pela RAIS. Para maiores detalhes consultar as NT's/MTE 052/2002, 080/2010, 082/2011, 083/2011, 084/2011

Gráfico 34 – Evolução do Saldo de Empregos com Carteira Assinada – Brasil – 2007 a 2011.



Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Tabela 20 – Evolução dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada Brasil e Estados – 2007 a 2011.

| Estados | 2007 | Rank | 2008 | Rank | 2009 | Rank | 2010 | Rank | 2011 | Rank |
|--------------------|------------------|------------|------------------|-----------|----------------|-----------|------------------|-----------|------------------|------------|
| São Paulo | 611.539 | 1º | 525.607 | 1º | 277.573 | 1º | 737.947 | 1º | 555.631 | 1º |
| Minas Gerais | 168.398 | 2º | 130.722 | 3º | 90.608 | 2º | 298.064 | 2º | 208.194 | 2º |
| Rio de Janeiro | 144.786 | 3º | 154.596 | 2º | 88.875 | 3º | 220.065 | 3º | 204.057 | 3º |
| Paraná | 122.361 | 4º | 110.903 | 4º | 69.084 | 5º | 153.124 | 5º | 124.484 | 4º |
| Rio Grande do Sul | 94.324 | 5º | 90.554 | 5º | 64.226 | 7º | 181.891 | 4º | 123.487 | 5º |
| Pernambuco | 46.348 | 8º | 52.800 | 7º | 46.717 | 9º | 117.013 | 7º | 91.290 | 6º |
| Santa Catarina | 83.630 | 6º | 73.906 | 6º | 51.014 | 8º | 112.740 | 8º | 82.714 | 7º |
| Bahia | 58.720 | 7º | 40.922 | 10º | 71.170 | 4º | 123.947 | 6º | 77.650 | 8º |
| Goiás | 41.153 | 9º | 47.347 | 8º | 34.404 | 10º | 83.975 | 10º | 69.552 | 9º |
| Ceará | 39.722 | 10º | 41.441 | 9º | 64.436 | 6º | 84.550 | 9º | 57.054 | 10º |
| Pará | 28.003 | 11º | 8.726 | 21º | 7.380 | 19º | 54.446 | 11º | 52.505 | 11º |
| Amazonas | 22.584 | 14º | 8.736 | 20º | -1.408 | 26º | 31.944 | 15º | 46.207 | 12º |
| Espírito Santo | 25.074 | 12º | 29.374 | 11º | 18.975 | 12º | 38.830 | 13º | 40.235 | 13º |
| Mato Grosso | 24.556 | 13º | 22.893 | 13º | 5.412 | 20º | 30.552 | 16º | 34.031 | 14º |
| Distrito Federal | 16.364 | 15º | 26.245 | 12º | 17.422 | 13º | 37.011 | 14º | 29.875 | 15º |
| Maranhão | 16.178 | 16º | 19.344 | 14º | -4.784 | 27º | 43.005 | 12º | 26.162 | 16º |
| Mato Grosso do Sul | 11.922 | 19º | 9.866 | 19º | 12.900 | 15º | 28.149 | 19º | 23.583 | 17º |
| Paraíba | 12.157 | 18º | 9.895 | 18º | 13.291 | 14º | 28.763 | 18º | 20.856 | 18º |
| Alagoas | -505 | 27º | 3.322 | 23º | 7.821 | 18º | 17.854 | 23º | 20.540 | 19º |
| Sergipe | 8.785 | 20º | 11.038 | 17º | 11.198 | 17º | 23.788 | 22º | 19.425 | 20º |
| R. Grande do Norte | 15.004 | 17º | 13.531 | 15º | 4.800 | 21º | 30.266 | 17º | 12.475 | 21º |
| Rondônia | 8.333 | 21º | 5.380 | 22º | 24.875 | 11º | 26.615 | 20º | 11.752 | 22º |
| Piauí | 7.901 | 22º | 11.324 | 16º | 12.727 | 16º | 25.059 | 21º | 10.632 | 23º |
| Tocantins | 7.105 | 23º | 710 | 25º | 3.045 | 22º | 12.916 | 24º | 8.818 | 24º |
| Amapá | 1.704 | 24º | 1.949 | 24º | 191 | 25º | 3.238 | 27º | 7.604 | 25º |
| Acre | -96 | 26º | 499 | 27º | 1.969 | 23º | 5.399 | 25º | 4.991 | 26º |
| Roraima | 1.342 | 25º | 574 | 26º | 1.189 | 24º | 4.270 | 26º | 2.645 | 27º |
| Brasil | 1.617.392 | - | 1.452.204 | - | 995.110 | - | 2.555.421 | - | 1.966.449 | - |

Fonte: CAGED/MTE. Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

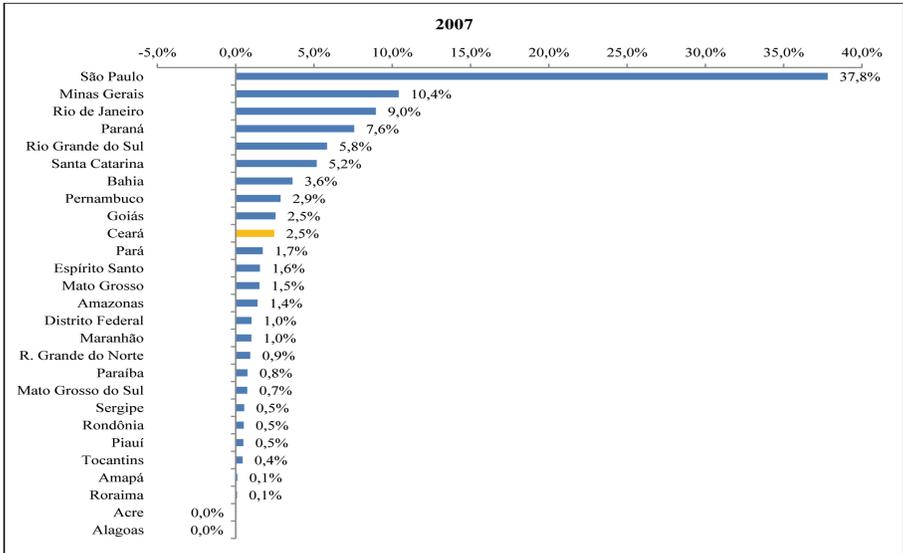
A Tabela acima atesta a grande diferença na geração de empregos existente entre os diversos estados brasileiros. Todavia, esta discrepância está relacionada diretamente ao tamanho e a dinâmica da economia de cada estado.

O Estado do Ceará gerou, nesse mesmo ano, um total de 57.054 novas vagas de trabalho tendo ocupado a 10ª colocação no ranking nacional e terceiro na região Nordeste, superado apenas pelos saldos de empregos gerados por Pernambuco (91.290 vagas) e Bahia (77.650 vagas), na citada região. (Tabela 20).

O Estado de São Paulo concentrou a maior parte da geração de novos postos de trabalho no país no ano de 2011, ou seja, 28,3% do total. Entretanto, essa participação vem caindo haja vista que em 2007 esse mesmo Estado tinha respondido por 37,8% do total das vagas criadas naquele ano. Apesar da menor participação, a geração de novas vagas de trabalho com carteira assinada ainda continuou bastante concentrada em São Paulo que criou quase 2,7 vezes mais postos de trabalho que o segundo colocado no ranking nacional, Minas Gerais. Em 2007, essa diferença era de 3,7 vezes. (Gráficos 35 e 36).

A participação conjunta dos cinco principais Estados na geração de novos postos de trabalho no país também registrou forte queda passando para 61,8% do total, em 2011, ante os 70,6% registrado em 2007. Diante esse quadro, fica claro uma maior desconcentração na geração de empregos celetistas nos últimos anos. (Gráficos 35 e 36).

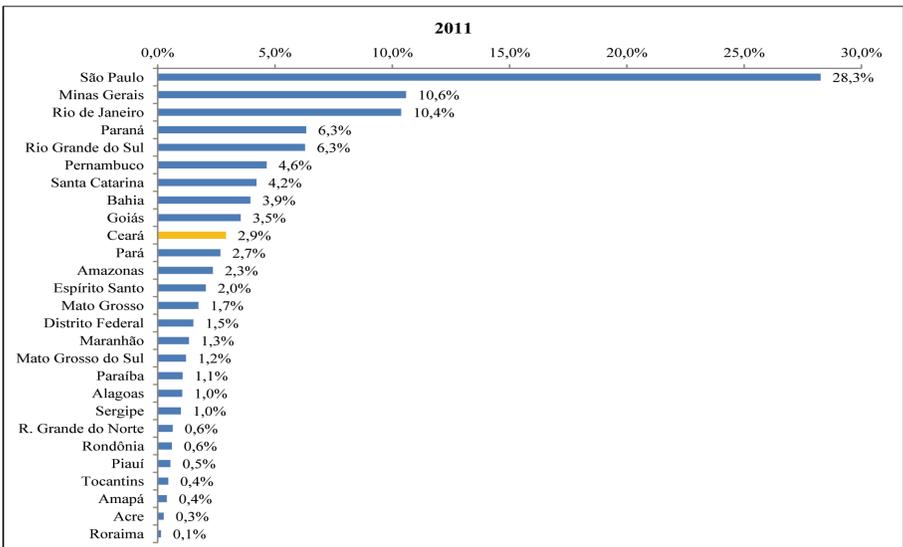
Gráfico 35 – Evolução das Participações (%) dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Estados – 2007.



Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Gráfico 36 – Evolução das Participações (%) dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Estados – 2011.

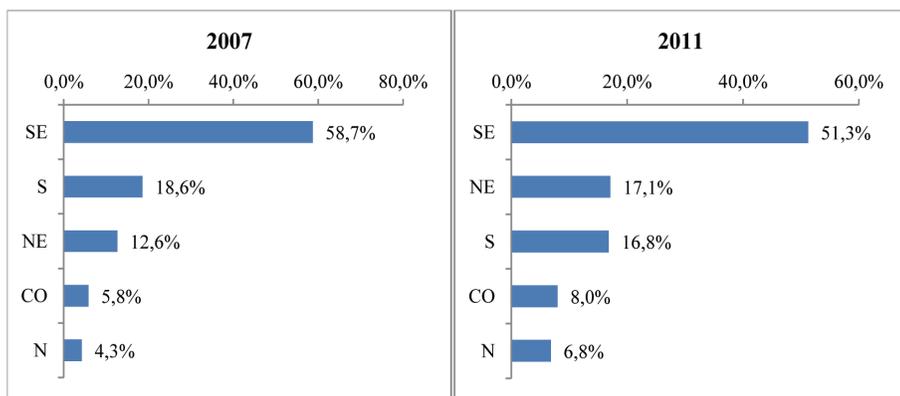


Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Ao se analisar o mercado de trabalho por regiões pode-se observar que a região Sudeste foi gerou o maior número de novos postos de trabalho em 2011, totalizando um total de 1.008.117 vagas, vindo em seguida as regiões Nordeste (336.084 vagas); Sul (330.685 vagas); Centro-Oeste (157.041 vagas); e Norte (134.522 vagas). Na análise da dinâmica regional, é possível também evidenciar o movimento de desconcentração ocorrido na geração de novos postos de trabalho celetista no país. De fato, a região Sudeste, que respondia por 58,7% da geração de novas vagas de empregos do país em 2007, reduziu essa participação para 51,3% do total em 2011. O mesmo ocorrendo com a região Sul com participação entre esses dois anos passando de 18,6% em 2007 para 16,8% em 2011.

Gráfico 37 – Evolução das participações dos saldos de empregos com carteira assinada por regiões – 2007 e 2011

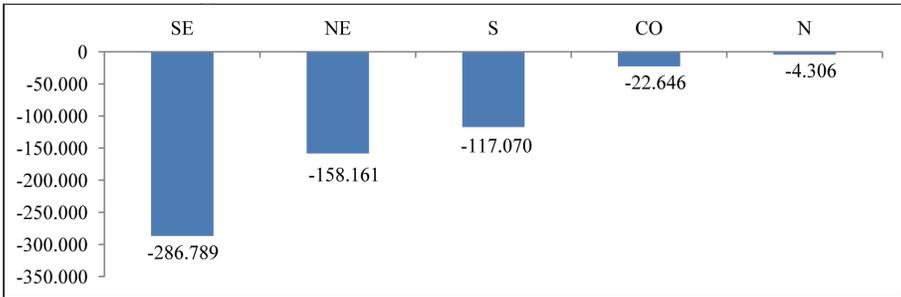


Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Numa análise mais recente, é possível observar que todas as regiões registraram queda na geração de empregos entre 2011 e 2010. A maior variação negativa ficou por conta da região Nordeste que apresentou queda de 32,0%, seguida das regiões Sul (-26,1%); Sudeste (-22,1%); Centro-Oeste (-12,6%) e Norte (-3,1%). Já em termos absolutos, a região Sudeste foi a que registrou a maior redução na geração de postos de trabalho com carteira assinada, uma diferença de 286.789 mil vagas de trabalho a menos na comparação dos anos de 2010 e 2011.

Gráfico 38 – Variação Absoluta do Saldo de Empregos com Carteira Assinada por Regiões entre os Anos de 2010 e 2011 (*)



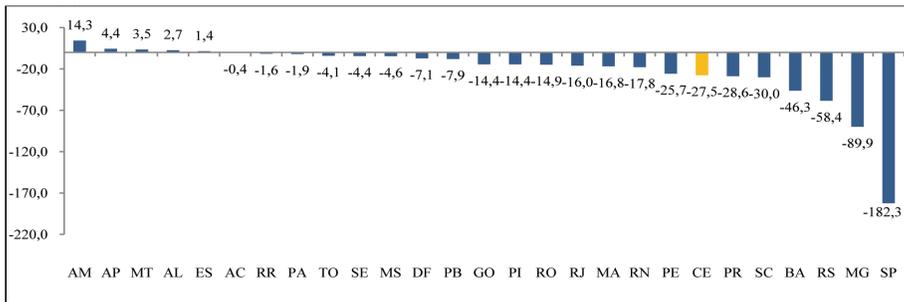
Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

(*) Valores em mil postos de trabalho.

Em 2011, apenas cinco Estados registraram aumento na geração de novos postos de trabalho em relação ao ano anterior. O estado do Ceará registrou uma queda de 32,5% nesta comparação tendo sido a sétima maior queda na comparação nacional. Em termos absolutos, a redução foi de total de 27.496 vagas na comparação dos dois anos. Com esses resultados, o Ceará registrou perda de participação na geração de novas vagas de trabalho com carteira assinada no país, passando de 3,3%, em 2010, para 2,9% em 2011. No Nordeste, esta participação ficou estável, 17,1%, em 2010 e 17,0% em 2011. (Gráfico 39).

Gráfico 39 – Variação Absoluta do Saldo de Empregos com Carteira Assinada por Estados – 2010 e 2011 (*)



Fonte: CAGED/MTE.

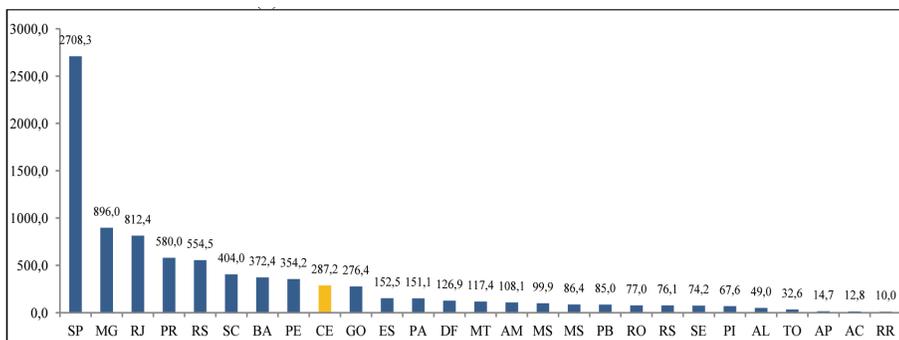
Nota: Valores em mil postos de trabalho.

(*) Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Na análise do período acumulado de 2007 a 2011, foi gerado no país um total de 8.586.576 novas vagas de trabalho com carteira assinada.

Vale destacar que apenas o estado de São Paulo respondeu por 31,5% desse total sendo seguido por Minas Gerais (10,4%); Rio de Janeiro (9,5%); Paraná (6,8%); e Rio Grande do Sul (6,5%). Em conjunto, tais Estados foram responsáveis por 64,6% do total novos postos de trabalho celetista criados no país. (Gráfico 40).

Gráfico 40 – Variação Absoluta do Saldo de Empregos com Carteira Assinada por Estados – Acumulado de 2007 a 2011 (*)



Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Valores em mil postos de trabalho.

(*) Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Do ponto de vista regional, a maior participação na geração de novos postos de trabalho celetistas no acumulado de 2007 a 2011 ficou por conta da região Sudeste com 53,2% do total, sendo seguida pelas regiões: Sul (17,9%); Nordeste (17,1%); Centro-Oeste (7,1%) e Norte (4,7%).

Quanto ao Ceará, a economia local gerou nesse mesmo período um total de 287.203 novas vagas de trabalho celetista tendo apresentado uma participação de 3,3% nos empregos gerados pelo país e 19,6% nos empregos gerados na região Nordeste. Com isso, o Estado ocupou a nona colocação dentre os estados brasileiros e terceira dentre os estados nordestinos, abaixo apenas das participações da Bahia (4,3% no Brasil e 25,4% no Nordeste) e de Pernambuco (4,1% no Brasil e 24,2% no Nordeste).

6.3 Dinâmica Setorial do Emprego com Carteira Assinada

O grande motor da geração de empregos com carteira assinada na economia cearense tem sido o setor de Serviços. Na verdade, no acumulado do período de 2007 a 2011 foram criadas 109.404 vagas,

o que representou uma participação de 38,1% do total dos empregos gerados no Estado. (Tabela 21).

Tabela 21 – Evolução dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Setores – Ceará – 2007 a 2011

| Setores | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|--------------------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Extrativa Mineral | 48 | 165 | 175 | 223 | 414 |
| Indústria de Transformação | 13.340 | 6.716 | 21.130 | 14.161 | 2.047 |
| Serviços Industriais de Utilidade Públicas | -21 | 372 | 154 | 277 | 188 |
| Construção Civil | 3.531 | 3.344 | 9.816 | 16.190 | 6.728 |
| Comércio | 11.156 | 11.673 | 12.559 | 20.675 | 17.938 |
| Serviços | 10.408 | 16.236 | 21.439 | 33.412 | 27.909 |
| Adm. Públ. | 1.005 | 1.624 | 630 | 790 | 324 |
| Agropecuária | 255 | 1.311 | -1.467 | -1.178 | 1.506 |
| Ceará | 39.722 | 41.441 | 64.436 | 84.550 | 57.054 |

Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

Pela análise da dinâmica setorial ao longo do período de 2007 a 2011 é possível chegar a algumas conclusões para os principais setores. O setor de Serviços registrou ganho de participação entre os anos de 2007 e 2011 na geração de novos empregos celetistas cearenses, passando de 26,2%, em 2007, para 48,9%, em 2012. Dentre os serviços, o segmento do Comércio registrou aumento contínuo nos últimos três anos em participação na geração de empregos na economia cearense, tendo alcançando pico de participação em 2011, com 31,4%. Já a Administração pública vem registrando perda de participação na geração de novos postos de trabalho na economia cearense depois de registrar sua participação recorde de 3,9% em 2009.

A Indústria de Transformação vem registrando perdas sucessivas de participação na geração de novos postos de trabalho com carteira assinada na economia cearense. No último ano, obteve a menor participação, de apenas 3,6%. Por seu turno, a Construção civil, que após registrar posição recorde na geração de novos empregos com carteira assinada na economia cearense de 19,1%, em 2010, teve queda de participação em 2011 por causa da forte redução no ritmo de geração de novos postos de trabalho. Já os Serviços industriais de utilidade pública apresentaram aumento de participação na geração de empregos na economia cearense nos últimos três anos.

Por fim, o setor Agropecuária e silvicultura, que havia apresentado perda de postos de trabalho nos anos de 2009 e 2010, apresentou forte recuperação em 2011 tendo registrado maior saldo anual de empregos desde 2003. A Tabela 22 expõe os dados.

Os resultados apresentados permitem concluir que o estoque de empregos formais cearenses vem apresentando um comportamento de notória ascensão nos últimos anos, crescendo a taxas sempre acima dos seis pontos percentuais no período analisado. O setor de Serviços, que inclui, dentre outros, o comércio varejista e a administração pública, vem mantendo sua importância na formação do estoque de empregos formais na economia cearense com participação de quase três quartos do total.

Vale destacar a elevada importância do setor privado na manutenção e na expansão desse contingente de pessoas empregadas no estado do Ceará. Todavia, não se pode deixar de lado o quadro de funcionários e empregados públicos que apesar do significativo aumento do contingente entre os anos de 2007 e 2011 registrou perda de participação entre esses anos.

O ritmo de geração de novos postos de trabalho com carteira assinada tem acompanhado diretamente a dinâmica da economia local. Vale destacar que entre os anos de 2007 e 2011, o Ceará perdeu participação na geração de novas vagas de trabalho celetistas na região Nordeste, mas ganhou participação com relação ao país. A perda de participação com relação à região Nordeste teve como principal causa a forte desaceleração do ritmo de geração de novos empregos com carteira assinada ligados a Indústria de Transformação no último ano da série.

7. FINANÇAS PÚBLICAS

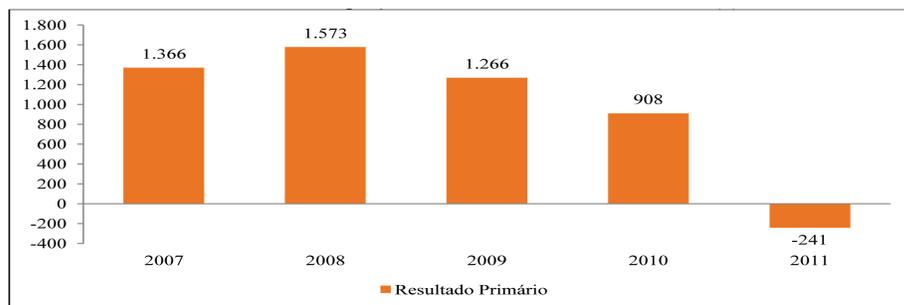
7.1 Resultado Fiscal

O ano de 2011 encerrou-se com a obtenção de um resultado primário² acumulado num valor negativo da ordem de R\$ 241,0 milhões. Verifica-se pelo Gráfico 41 que a partir do ano de 2008 até 2011 o Estado do Ceará obteve valores declinantes do resultado primário culminando num valor negativo em 2011. Este resultado não é preocupante, pois ele é decorrente do alto volume de investimentos aplicados nesse período

² O Resultado Primário é a diferença entre as receitas e as despesas, ambas não financeiras.

(veja Gráfico 42). Cabe destacar que o acúmulo de poupança gerada entre 2007 e 2011 permitiu o Estado alavancar seu programa de investimento, sem prejuízo de sua situação financeira.

Gráfico 41 – Resultado Primário a preços constantes, Ceará – 2007-2011 (*)



Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Valores em mil postos de trabalho.

(*) Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

7.2 Receitas

Nessa seção, analisa-se a receita orçamentária, a qual é considerada como a receita total, pois é a composição de todos os tipos de receitas arrecadadas. A análise se estende ao seu principal componente, a receita corrente, que é composta quase que totalmente pela soma da receita tributária e das transferências correntes. Considera-se também os principais componentes da receita tributária e das transferências correntes que são, respectivamente, a arrecadação do imposto sobre as operações relativas à circulação de bens e serviços (ICMS) e o fundo de participação dos estados (FPE). A Tabela 24 abaixo apresenta as taxas de crescimento anual real dessas receitas e seus componentes.

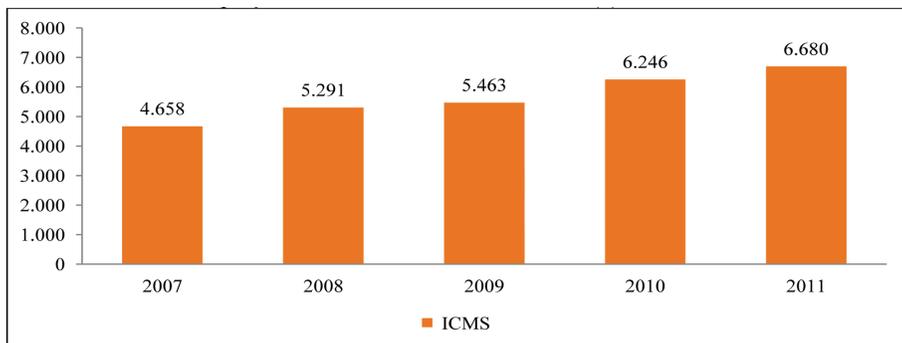
Tabela 22 – Evolução dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Setores – Ceará – 2007 a 2011

| Anos | Receita Orçamentária | Receita Corrente | Receita Tributária | ICMS | IPVA | Transferências Correntes | FPE |
|------|----------------------|------------------|--------------------|--------|--------|--------------------------|--------|
| 2008 | 13,87% | 14,64% | 13,50% | 13,59% | 14,99% | 14,04% | 15,69% |
| 2009 | 5,78% | -0,68% | 3,69% | 3,24% | 13,06% | -7,90% | -8,11% |
| 2010 | 14,57% | 11,07% | 14,59% | 14,33% | 6,51% | 7,51% | 2,61% |
| 2011 | 6,04% | 9,65% | 7,95% | 6,96% | 17,11% | 13,22% | 19,06% |

Fonte: CAGED/MTE. Nota: Taxas de crescimento real, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

Verifica-se de acordo com o Gráfico 42 que em 2011 as receitas estaduais totalizaram R\$ 14.111,0 milhões, representando um crescimento real de 6,0% em relação ao ano anterior. Analisando a evolução da receita orçamentária no período 2007-2011, observa-se um crescimento real em todos os anos.

Gráfico 42 – Receita Orçamentária a preços constantes, Ceará – 2007-2011 (*)

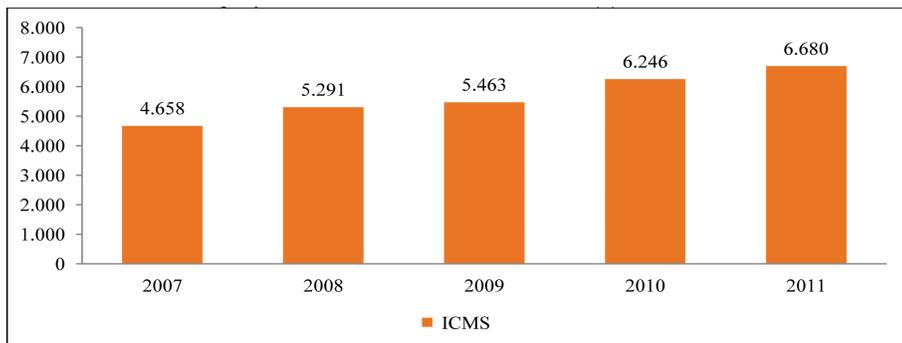


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

Entre as receitas de arrecadação própria, a mais relevante é a arrecadação do imposto sobre as operações relativas à circulação de bens e serviços (ICMS), representando 47,0% das receitas totais do Estado no ano de 2011. Nos últimos anos, a arrecadação do ICMS vem sempre demonstrando crescimento real, apresentando em 2011 um valor de R\$ 6.680,0 milhões (Gráfico 37), o que representa um aumento real de 7,0% em relação a 2010.

Gráfico 43 – ICMS a preços constantes, Ceará – 2007-2011 (*)

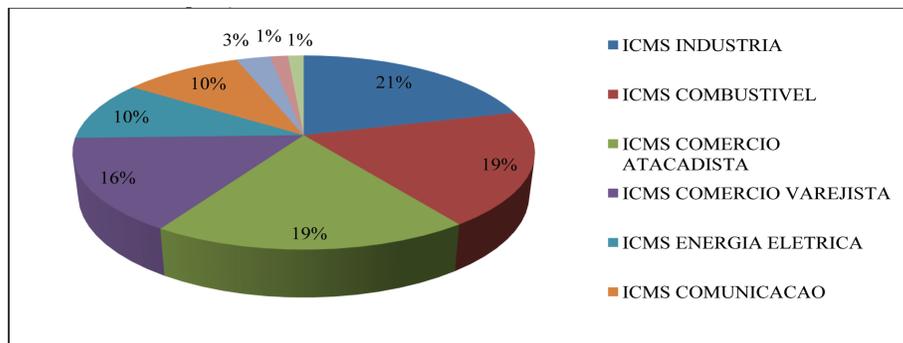


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

Em relação à composição do ICMS, verifica-se pelo Gráfico 38 que no ano de 2011 o setor de maior arrecadação foi a Indústria, com 21,0% do ICMS total, seguido do Combustível (19,0%), Comércio Atacadista (19,0%), Comércio Varejista (16,0%), Energia Elétrica (10,0%), Comunicação (10,0%), Pessoa Jurídica não Cadastrada e Sociedade Civil (3,0%), Transporte (1,0%) e a Categoria Outros (1,0%).

Gráfico 44 – Composição do ICMS do Ceará em 2011



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante é o Fundo de Participação dos Estados (FPE), que em 2011 foi responsável por 31,0% do total das receitas do Estado. Em 2011, esta receita totalizou R\$ 4.409,0 milhões (Gráfico 39), um aumento real de 19,1% em relação 2010. Verifica-se assim a retomada de crescimento dessa transferência após sua queda verificada em 2009 (-8,1%), decorrente da crise americana iniciada em setembro de 2008. O FPE é composto de uma parcela das receitas arrecadadas do Imposto de Renda (IR) e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Devido à política do governo federal de redução do IPI para o setor automotivo, iniciada em dezembro de 2008, o fundo diminuiu reduzindo assim o repasse para o Ceará em 2009.

7.3 Despesas

A análise das finanças estaduais segue com a Despesa Orçamentária, considerada como a despesa total pois é a composição de todos os tipos de despesas realizadas. Analisa-se ainda a Despesa Corrente, que é composta quase que totalmente pela soma das Despesas de Pessoal e Encargos Sociais e Outras Despesas Correntes. As despesas com Investimentos, tendo principal componente da Despesa de Capital, também são avaliadas. A Tabela 25 abaixo apresenta as taxas de

crescimento anual real dessas despesas e seus componentes.

Tabela 25 – Taxa de Crescimento Anual das Despesas e seus Principais Componentes – 2007-2010 (*)

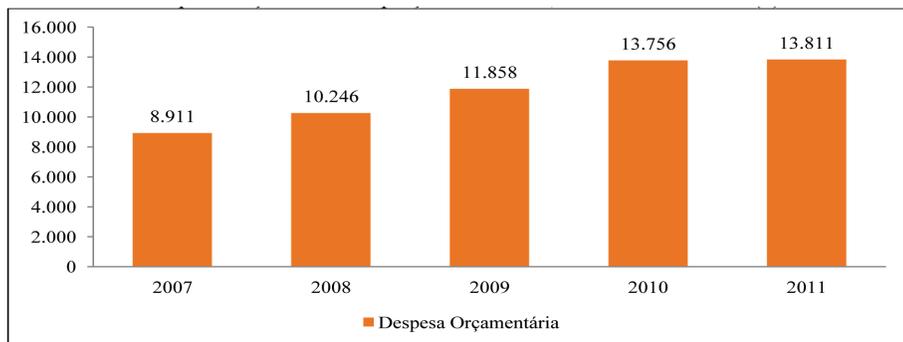
| Anos | Despesa Orçamentária | Despesas Correntes | Pessoal e Encargos Sociais | Outras Despesas Correntes | Investimentos |
|------|----------------------|--------------------|----------------------------|---------------------------|---------------|
| 2008 | 14,98% | 11,51% | 10,16% | 14,62% | 63,05% |
| 2009 | 15,73% | 6,82% | 7,39% | 7,47% | 81,07% |
| 2010 | 16,00% | 13,16% | 11,64% | 15,67% | 51,31% |
| 2011 | 0,40% | 5,72% | 5,15% | 6,04% | -19,49% |

Fonte:Sefaz-Sic/Smart.

(*) Taxas de crescimento real, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

O Gráfico 40 mostra que a Despesa Orçamentária do Governo do Estado, em 2011, registrou o valor de R\$ 13.811,0 milhões, um aumento real de 0,4% em relação a 2010. Esse baixo crescimento é uma característica do atual comando do executivo estadual, no qual o primeiro ano de cada mandato é marcado por contenção de gastos decorrente de ajuste fiscal, como verificado em 2007.

Gráfico 46 – Despesa Orçamentária a preços constantes, Ceará – 2007-2011 (*)

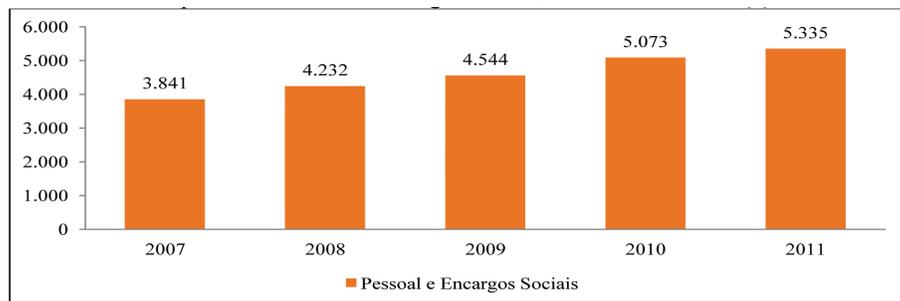


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

As despesas com Pessoal e Encargos Sociais representaram aproximadamente 38,0% das despesas totais do Estado, em 2011, totalizando R\$ 5.335,0 milhões (Gráfico 41), um aumento real de 5,1% em relação ao ano anterior. Estas despesas corresponderam em 2011 a 48,0% da Receita Corrente Líquida.

Gráfico 47 – Despesa com Pessoal e Encargos Sociais, Ceará – 2007-2011 (*)

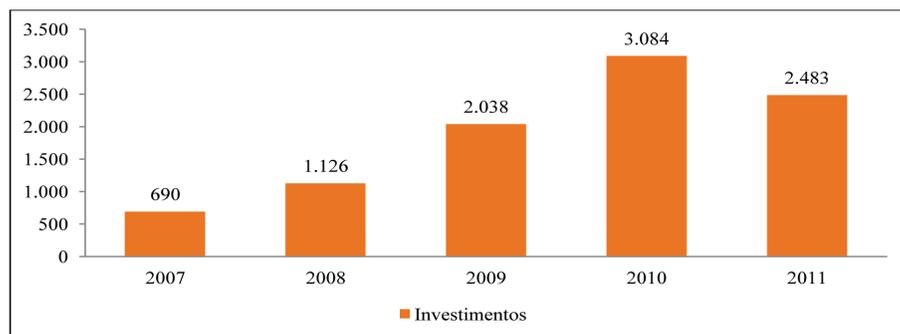


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

Em relação aos gastos com Investimentos, verifica-se pelo Gráfico 42 que no período 2007-2010 o Governo do Ceará quadruplicou esta conta em termos reais, saltando de R\$ 690,0 milhões em 2007 para R\$ 3.084,0 milhões em 2010. Estas despesas responderam por cerca de 18,0% das despesas totais em 2011, obtendo uma queda real (-19,0%) em relação ao ano anterior.

Gráfico 48 – Despesas com Investimentos, Ceará – 2007-2011 (*)

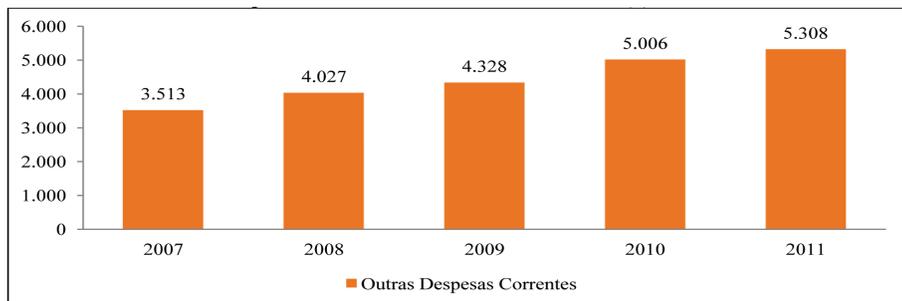


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

As Outras Despesas Correntes corresponderam a 38,0% do total de despesas do Estado em 2011. Neste ano, estas despesas somaram R\$ 5.308,0 milhões (Gráfico 43), um aumento real de 6,0% com relação ao ano anterior.

Gráfico 49 – Outras Despesas Correntes, Ceará – 2007-2011 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

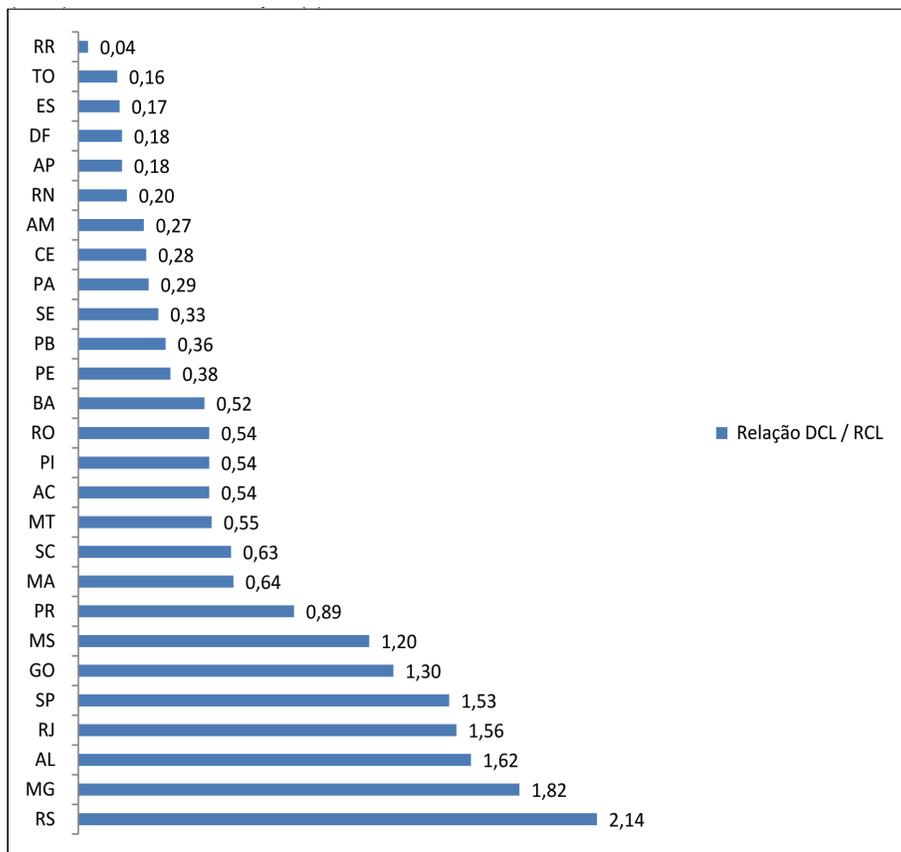
(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2011.

7.4 Dívida

Em relação ao montante da Dívida Consolidada Líquida (DCL), da qual exclui-se os haveres financeiros conforme determina a Resolução nº 43, de 2001 do Senado Federal, o Ceará apresentou em 2011 um valor de R\$ 3.222,0 milhões sendo um valor muito baixo em relação ao montante da Receita Corrente Líquida (RCL), que apresentou, no final do ano de 2011, um valor de R\$ 10.966,0 milhões. Dessa forma a relação DCL/RCL para o Ceará apresentou um valor de 0,28 (Gráfico 44), posicionando-se entre os Estados com os valores mais baixos da federação e bem abaixo do limite de endividamento permitido que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida.

Além do baixo nível de endividamento e do alto gasto com investimento verificado no período 2007-2011, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

Gráfico 50 – Dívida Consolidada Líquida (DCL) em relação à Receita Corrente Líquida (RCL), Estados da Federação (*)



Fonte: CAGED/MTE.

Nota: Série ajustada incorporando informações declaradas fora do prazo apenas a partir de 2011.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre 2007 e 2011, a economia cearense experimentou um desempenho superior à média nacional, o que permitiu reduzir, embora que lentamente, a distância que separa o Estado do restante do país. Apesar do ambiente instável instalado na economia mundial nos últimos anos do período, o ritmo de crescimento foi relativamente preservado. Muito deste desempenho foi favorecido por uma atuação direta do governo federal por meio dos estímulos à economia e com a realização de investimentos públicos por parte do governo estadual.

Quanto às atividades econômicas, para o Comércio é nítido o comportamento de desaceleração do ritmo de crescimento das vendas tanto do varejo comum quanto do varejo ampliado nacional e cearense, sendo este movimento muito mais intenso para o caso do Estado. Apesar desse quadro, o Ceará registrou o quarto maior crescimento nas vendas do varejo no acumulado do período de 2007 a 2011. As medidas de incentivo ao consumo, adotadas pelo governo federal em 2010, a exemplo da redução da alíquota de IPI sobre automóveis, materiais de construção e sobre a linha branca tiveram grande efeito sobre as vendas naquele ano.

Quanto à Indústria, ao contrário dos resultados no ano de 2010 e das expectativas construídas, o ano de 2011 foi, de fato, um período com menor dinamismo na atividade industrial no Ceará. O desempenho no Estado acompanhou, de certa forma, o comportamento registrado para o setor em nível nacional.

Afetada pelos desdobramentos da crise internacional e por problemas de competitividade, a indústria local experimentou reduções na produção que acabaram por diminuir sua participação no valor adicionado da economia. A este quadro, somam-se um recuo nas vendas internas e uma relativa estabilidade nas exportações, movimentos incapazes de estimular um maior ritmo na produção. Por outro lado, o crescimento das importações de bens de capital e a preservação dos postos de trabalho são resultados positivos e sinalizam para manutenção de expectativas positivas para desempenho do setor nos próximos períodos.

Já para a agropecuária cearense, o ano de 2011 foi de bons resultados, com recorde na safra de grãos, crescimento da produção de frutas e de outros produtos, como a mandioca. Esse desempenho refletiu-se em aumento no número de empregos na agropecuária e no aumento do Valor Bruto da Produção, e está relacionado às condições climáticas favoráveis.

Os investimentos estaduais assumiram um papel determinante no ritmo de crescimento da economia cearense no período considerado. Apesar de uma queda real (-19,5%) sobre 2010, o montante investido em 2011 (R\$ 2,5 bilhões) foi o segundo maior no período 2007-2011. Contribuíram para este cenário um quadro estável tanto para as receitas estaduais quanto para a dívida pública. Neste particular, o Ceará apresentou ao final de 2011 a oitava menor relação DCL/RCL (0,28) dentre os vinte e seis Estados da Federação e o Distrito Federal.

Apesar dos resultados favoráveis entre 2007 e 2011, a garantia de que este quadro de preservação do crescimento se mantenha para os próximos períodos deixa de existir, e uma deterioração do cenário parece uma cenário mais realista. Com isso, aumenta-se a necessidade de medidas corretivas de rumo para recolocar as economias no caminho do crescimento robusto, especialmente no tocante à atividade industrial.